

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

VALQUÍRIA RAMBO KNAK

**ÁUDIO-LIVRO “O PEQUENO PRÍNCIPE” - UMA PROPOSTA COM MÍDIA
SONORA PARA ESTIMULAR A LEITURA DA OBRA IMPRESSA**

**Porto Alegre
2010**

VALQUÍRIA RAMBO KNAK

**ÁUDIO-LIVRO “O PEQUENO PRÍNCIPE” - UMA PROPOSTA COM MÍDIA
SONORA PARA ESTIMULAR A LEITURA DA OBRA IMPRESSA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

Orientador(a):

Cristiani de Oliveira Dias

**Porto Alegre
2010**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Aldo Bolten Lucion

Diretora do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação:

Profa. Rosa Maria Vicari

Coordenador(as) do curso de Especialização em Mídias na Educação:

Profas. Rosa Vicari e Liane Margarida Rockenbach Tarouco

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha amiga, colega de trabalho e parceira de ideologias na educação Janaína Linck, que plantou as primeiras "sementes literárias" nos nossos alunos;
e aos meus queridos alunos do 5º ano 3 que sempre serão lembrados com carinho pela amizade, pela prestatividade e dedicação a este projeto.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha família por me incentivar a estudar desde a infância, quando despertou meu interesse em ser professora. À minha mãe, por sempre potencializar a minha capacidade e ao meu pai que sempre incentivou a realizar-me pessoalmente, independente das minhas escolhas. Também agradeço às minhas irmãs por sempre acompanharem o meu crescimento. À Vanessa, agradeço por todo apoio prestado ao longo do curso e pelo auxílio de uma estudante de informática. À Virgínia, que, mesmo distante fisicamente, também encorajou-me a continuar, uma vez que é uma lutadora e sempre buscou alcançar seus sonhos.

Agradeço ao meu esposo que esteve presente em todos os momentos, bons e ruins, me apoiando como amigo e companheiro. Foi ele quem me permitiu realizar todas as tarefas, dando suporte emocional para mim e para o nosso filho, que também foi sacrificado.

Também agradeço muito às minhas colegas de escola e de curso Cristina, Giane, Kátia e Luciana, que me encorajaram muitas vezes, quando tive dúvidas, compartilhando angústias pessoais e profissionais. Por isso, também, tornaram-se grandes amigas.

Agradeço à orientadora Cristiani de Oliveira Dias, que me valorizou como ser humano, antes de aluna, sabendo valorizar as minhas qualidades e compreendendo minhas angústias neste ano tão difícil.

RESUMO

As tecnologias de informação têm proporcionado modificações históricas na sociedade, propiciando meios de comunicação e informação, baseados em suportes inovadores e recursos informacionais. Este trabalho apresenta, através de estudo de caso realizado numa escola pública de São Leopoldo, a recepção da obra “O Pequeno Príncipe” em áudio-livro, um recurso que veio colaborar para a formação educacional e o desenvolvimento do hábito da leitura. Reconhecendo-se como um recurso valioso para instigar a imaginação de nossos pequenos leitores, o áudio-livro, proporciona a participação ativa e coletiva de um grupo, ao mesmo tempo, permitindo interatividade entre as percepções de cada indivíduo diante de uma obra clássica, bem como a revalorização da obra impressa diante das tecnologias de informação e comunicação. Analisou-se o perfil e interesses dos leitores de um quinto ano e os desafios do professor em trabalhar com um novo recurso, o áudio-livro, como um meio acessível e dinâmico de incentivo ao hábito da leitura. Apresentou-se a obra “O Pequeno Príncipe”, analisando-se a recepção da turma a partir do recurso sonoro, como incentivador à leitura da obra impressa. Sugerem-se pesquisas mais atuais e a utilização de novos recursos tecnológicos para que os objetivos educacionais relacionados à leitura sejam realmente atingidos.

Palavras-chave: leitura, áudio-livro, recepção.

ABSTRACT

Information technologies have provided historical changes in society, providing media and information, and innovative media-based information resources. This paper presents, through case study conducted in a public school of Sao Leopoldo, the reception of "The Little Prince" in audio book, a feature that came together to educational training and development of the habit of reading. Recognizing himself as a valuable resource for engaging the imagination of our young readers, audio-book, provides the active and collective participation of a group, while allowing interaction between the perceptions of individuals facing a classic work as well as the reevaluation of the printed work on information technology and communication. We analyzed the profile and interests of readers of a fifth year teacher and the challenges of working with a new feature, the audio-book as an accessible and dynamic way to encourage the reading habit. Presented the book "The Little Prince" by analyzing the reception class from the feature sound, as incentive to read the printed work. We suggest most current research and use of new technology resources for the educational goals related to reading are actually achieved.

Keywords: reading, audio book, reception.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Pesquisa sobre o Deserto do Saara e jibóias.	45
Figura 2: Pesquisa sobre o Deserto do Saara e jibóias.	46
Figura 3: Representação do pequeno príncipe.	47
Figura 4: Ilustração do pequeno príncipe.	48
Figura 5: Ilustração do pequeno príncipe.	48
Figura 6: O pequeno príncipe.	49
Figura 7: Registro de uma aluna sobre a pesquisa realizada no EVAM.	50
Figura 8: Ilustração do planeta do pequeno príncipe.	51
Figura 9: Ilustração do planeta do geógrafo.	52
Figura 10: Representação do planeta do acendedor de lampiões.	53
Figura 11: Ilustração do planeta do pequeno príncipe.	53
Figura 12: Ilustração do planeta do rei.	54
Figura 13: Pesquisa sobre as características da raposa real e ficcional.	56

SUMÁRIO

RESUMO	5
ABSTRACT.....	6
INTRODUÇÃO.....	12
1. LITERATURA INFANTO – JUVENIL	14
1.1. Um Breve Histórico	14
1.2. Literatura – Instrumento de Prazer, Informação e Formação.	17
1.3. Escola – Base Para a Formação do Indivíduo.....	21
2. A LEITURA E AS MÍDIAS	25
2.1. Revalorização do livro diante das novas mídias	25
2.2. O Recurso Sonoro como Estimulador da Imaginação dos Leitores do 5º ano	27
2.3. O Áudio-Livro - A Tecnologia que Ajuda a Ensinar	28
3. CARACTERÍSTICAS INTELECTUAIS E INTERESSES DO LEITOR.....	31
3.1. O Interesse do Leitor	31
3.2. A Teoria Sócio-Histórico-Cultural de Vygotsky e o Desenvolvimento Psicológico da Criança	34
4. RECEPÇÃO DA OBRA “O PEQUENO PRÍNCIPE”: O CASO DA TURMA 5º ANO 3 DA E. M. E. F. JOÃO CARLOS VON HOHENDORFF.....	37
4.1. Caracterização da Escola/Contextualização.....	37
4.1.1. Histórico da Escola	37
4.1.2. Filosofia da Escola	38
4.1.3. Objetivos Gerais da Escola	38
4.2. Caracterização da Turma	39
4.3. A Recepção da Obra em Sala de Aula	41
4.3.1. O Projeto de Leitura	41
4.3.2. A Recepção da Obra	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65
ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO.....	67
ANEXO B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM.....	68

INTRODUÇÃO

O trabalho tem como tema uma proposta de escuta da obra “O Pequeno Príncipe” em áudio-livro e a caracterização do leitor de 5º ano. Pretende-se desenvolver uma pesquisa de campo e verificar a resistência e/ou aceitação dessa obra a fim de investigar se o áudio-livro pode ou não ser um potencializador de aprendizagem e se a proposta vêm ao encontro da realidade de nossas escolas.

A literatura infanto-juvenil passou por grandes transformações desde o século XVIII. Essas transformações decorreram das mudanças de estilo de vida e da percepção da realidade. Ao se pensar em literatura infanto-juvenil, não se pode esquecer as relações que ela estabelece com variados campos do conhecimento como a Psicologia e pelo tipo de receptor a que ela se dirige. É por isso que esse estudo dará maior importância aos leitores crianças e adolescentes. A escola e o professor são figuras relevantes no processo de formação do leitor. A leitura na escola estimula a percepção da realidade, a consciência do indivíduo em relação ao coletivo, o auto-conhecimento e o acesso ao mundo cultural. A literatura infantil pode ser um dos instrumentos de formação da criança, traduzindo a realidade do seu universo afetivo e emocional porque tem como representação literária a família e a escola. É nesse sentido que se pretende estudar o interesse do leitor infanto-juvenil e a recepção de uma obra literária em áudio.

O trabalho iniciou com um breve histórico da literatura infantil bem como suas mudanças principalmente a partir do momento em que a criança passou a deter um novo papel na sociedade. Foi mencionado o tipo de leitura que se apreciava no séc. XVIII e as novas propostas literárias que surgiram após o aparecimento de novos ramos da ciência como a Psicologia infantil e a Pedagogia.

A seguir, foi salientada a importância da literatura como instrumento de prazer e lazer. Será também abordada a carga de responsabilidade que a escola e o professor têm na formação desse novo leitor.

Um capítulo fora destinado a tratar da leitura e das relações com as mídias, em especial, a contextualização com a mídia sonora como estimuladora da imaginação dos pequenos leitores. Será realizado um breve histórico do áudio-livro no âmbito mundial e as contribuições que este recurso podem trazer para a educação, diante das novas tecnologias de informação e comunicação.

Fez-se um estudo das características da turma e da escola e a contextualização do ambiente a fim de se verificar se essas podem ou não alterar a qualidade da leitura e também verificar a aceitação ou não dessa obra em áudio-livro. Nesse mesmo capítulo, será apresentado o estudo de Vygotsky sobre a influência sócio-histórico-cultural e o interesse do leitor de 5º ano, segundo Bamberger.

Finalmente, através de análise da aceitação da obra e da utilização da mídia sonora como recurso para estimular a imaginação dos pequenos leitores, buscou-se identificar a recepção da obra pela turma estudada, verificando se o recurso sonoro utilizado para descrever a obra "O Pequeno Príncipe" estimulou o leitor de 5º ano a se interessar em ler o livro impresso.

1. LITERATURA INFANTO – JUVENIL

1.1. Um Breve Histórico

A literatura infanto-juvenil passou por grandes transformações desde o século XVII, quando surgiram os primeiros textos produzidos para esse público. Segundo Nelly Novaes Coelho (1991, p. 750), é na França, na segunda metade do séc. XVII, durante a monarquia absoluta de Luís XIV, o “Rei Sol”, que se manifesta abertamente a preocupação com uma literatura para crianças ou jovens. Essa não era adequada à criança, porque resultara da adaptação de textos escritos para adultos.

Em se tratando de literatura infantil, é preciso lembrar, de início, que além de ser um *fenômeno literário* ela é um *produto destinado às crianças*, que em suas origens *nasceu* destinado aos adultos. Ou melhor, que certas obras que foram famosas como literatura para adultos, com o tempo e através de um longo processo de adaptação, acabaram se transformando em *entretenimento para crianças*. (COELHO, 1998, p. 35) (grifo no original).

Segundo Nelly Novaes Coelho (1991, p. 12), a literatura infantil teve origem nos livros consagrados como clássicos infantis, os contos de fada ou contos maravilhosos de Perrault, Grimm ou Andersen, ou as fábulas de La Fontaine que, na verdade, foram histórias recolhidas por esses escritores, a partir da literatura criada pelo povo. Essas histórias eram transmitidas de geração em geração, através da oralidade e tinham a intenção de transmitir valores. Constituíam-se de coletâneas organizadas e recriadas pelos escritores e, posteriormente, adaptadas para o público infantil.

Para Zilberman (1982, p. 43), a constituição de um acervo de textos para o público infantil se fez através de um material já existente: os clássicos e os contos

de fadas. Foram esses últimos que se mostraram mais apropriados, por dois aspectos: pela presença do maravilhoso e pela peculiaridade de apresentar um mundo em miniatura.

Eles têm um conteúdo onírico latente que corresponde às aspirações frustradas de uma certa camada social que, por suas condições peculiares, está condenada a inatividade, situação semelhante àquela compartilhada pela criança e abriga a presença do elemento mágico de um modo natural, ao contrário da saga e da lenda (onde o fantástico é o milagre, signo da fragilidade e finitude humanas) e do mito (onde o evento sobrenatural revela a presença dos entes fundadores da realidade, os deuses e heróis divinizados, diferentes dos seres humanos). Nesta medida, a magia torna-se um adjuvante do qual a personagem não depende existencialmente, mas que a auxilia a vencer as dificuldades; além disto, desacreditando as limitações de tempo e espaço, permite uma representação visível, concreta e simultânea de todas as facetas que constituem o universo da criança. (ZILBERMAN, 1982, p.43).

Seguindo a sequência histórica, o século XVIII foi marcado por muitas transformações em de diferentes setores como o econômico, o social, o político e o ideológico. A Revolução Industrial e a urbanização fizeram surgir duas classes distintas: o proletariado e a burguesia. Para atingir seus objetivos, a burguesia buscou incentivar instituições como a família e a escola. A criança passou a deter um novo papel na sociedade, embora continuando frágil e dependente dos adultos.

A infância corporifica, a partir de então, dois sonhos do adulto. Primeiramente, encarna o ideal da permanência do primitivo, pois a criança é o bom selvagem, cuja naturalidade é preciso conservar enquanto o ser humano atravessa o período infantil. A consequência é sua marginalização em relação ao setor da produção, porque exerce uma atividade inútil do ponto de vista econômico (não traz dinheiro para dentro de casa) e, até mesmo, contraproducente (apenas consome). Em segundo lugar, possibilita a expansão do desejo de superioridade por parte do adulto, que mantém sobre os pequenos um jugo inquestionável, que cresce à medida que esses são isolados do processo de produção. (ZILBERMAN, 1982, p. 18).

A mudança de papel da criança na sociedade burguesa foi apenas de caráter simbólico, pois se tornou alvo de atenção dos adultos. Isso motivou o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro). A literatura infantil assumiu condição de mercadoria, e a escola objetivou a habilitação da criança ao consumo dessas obras. (ZILBERMAN e LAJOLO, 1984, p. 16).

A escola tornou-se obrigatória para todas as classes sociais visando manipular a criança, conduzindo-a a acatar as normas impostas pela classe dominante. A educação perdeu seu verdadeiro papel e sua inocência, e a escola perdeu sua neutralidade, uma vez que se encarregava apenas de conquistar o estudante para a ideologia que a sustentava. Atribuiu-se à literatura infantil a tarefa educativa de complementar a atividade pedagógica exercida no lar e na escola.

A literatura infantil continuou com o estereótipo de literatura menor porque tinha apenas a intenção de transmitir valores e comportamentos burgueses e não valores vitais e sensoriais de que necessitava a criança.

A obra literária pode reproduzir o mundo adulto: seja através da atuação de um narrador que bloqueia ou censura a ação de suas personagens infantis; seja através da veiculação de conceitos e padrões comportamentais que estejam em consonância com os valores sociais prediletos; seja pela utilização de uma norma lingüística. Assim sendo, os fatores estruturais de um texto de ficção – narrador, visão de mundo, linguagem – podem se converter no meio por intermédio do qual o adulto intervém na realidade imaginária, usando-a para inculcar sua ideologia. (ZILBERMAN, 1982, p.21).

Com as decorrentes transformações que se operavam, os estudos pedagógicos se fizeram necessários, impulsionando o progresso das ciências humanas, a partir do séc. XIX. A criança passou a ser objeto de estudos e reflexões de filósofos, sociólogos, pedagogos, psicólogos e pediatras. Segundo Zilberman e Lajolo (1984, p. 20), a literatura infantil, a partir de então, passa a definir com mais segurança os tipos de livros que agradam mais aos pequenos e determinar melhor suas principais linhas de ação. Os autores passam a se preocupar em apresentar em suas obras o cotidiano da criança, evitando a recorrência a acontecimentos fantásticos e procurando apresentar a vida diária como motivadora de ação e de interesse.

A partir do século XX, a literatura infantil passou a ser valorizada como literatura autêntica, porque começou a se distanciar de sua origem comprometida com a pedagogia, apresentando textos de valor artístico a seus pequenos leitores. O caminho da descoberta foi aberto pela Psicologia Experimental que não aponta a criança como um adulto em miniatura. Ao contrário, compreende a importância do estudo do desenvolvimento humano. A literatura passa a ser educativa e formadora

e não mais pedagogizante porque traduz a realidade do universo afetivo infantil, procurando amenizar a influência do adulto sobre a criança. (COELHO, 1998, p.26)

A partir desse conhecimento do ser humano, a noção de *criança* muda e nesse sentido torna-se decisivo para a Literatura Infantil/Juvenil adequar-se ou conseguir *falar*, com autenticidade, aos seus possíveis destinatários. (COELHO, 1998, p. 26).

No Brasil, Monteiro Lobato foi o autor responsável pelo rompimento com os padrões literários provindos da Europa. Ele passou a valorizar o ambiente local, a aproveitar o folclore e a empregar crianças como personagens heróis.

Com Lobato, os pequenos leitores adquirem consciência crítica e conhecimento de inúmeros problemas concretos no País e da humanidade em geral. Ele desmistifica a moral tradicional e prega a verdade individual. Instaure, portanto, a liberdade. Sem coleiras, pensando por si mesma, a criança vê, num mundo onde não há limites entre a realidade e a fantasia, que ela pode ser agente de transformação. (SANDRONI, 1987, p. 53).

A valorização da Literatura Infantil como fenômeno significativo na formação das crianças e jovens é conquista recente. Ela vem abrindo seu espaço como representação artística conquistando caminhos para grandes estudos e discussões. (COELHO, 1998, p. 27).

1.2. Literatura – Instrumento de Prazer, Informação e Formação.

Segundo Niskier (1999, p.18), a maior pretensão da literatura deveria ser “a formulação adequada de um gosto pela leitura”, ou seja, não é o hábito da leitura que se busca, pois hábitos são impostos, e a imposição, na educação, geralmente caminha para a rejeição.

O ideal é que a criança, mesmo antes de ler, trave contato com os livros, manipule-os, aprecie as ilustrações, interprete o que está vendo à sua maneira. Isso é uma forma inteligente de despertar-lhe o gosto, que depois se traduzirá pelas primeiras e definitivas leituras. (NISKIER, 1999, p.18)

São muitos os benefícios que o contato com livros, ainda na primeira infância, é capaz de proporcionar. Várias funções psicológicas podem ser desenvolvidas, entre elas a memória e a capacidade de estruturar as informações. Ouvir é fundamental para a formação das crianças, para a compreensão que têm do mundo e para que se tornem leitoras.

“A primeira motivação para ler é simplesmente a alegria de praticar habilidades recém adquiridas, o prazer da atividade intelectual recém-descoberta e do domínio de uma habilidade mecânica. Um bom leitor gosta de ler.” (BAMBERGER, 1987, p.32).

Para Zilberman (1986, p. 21), o relacionamento da criança com o livro se faz por meio de uma relação afetiva, sendo resultado de uma identificação. Portanto a literatura infantil deve reconhecer o papel que o leitor desempenha nesse processo, considerando-o não apenas como um receptor passivo de mensagens e ensinamentos, mas um indivíduo ativo, que aceita ou não o texto. É o leitor quem avalia se a obra está ou não vinculada a seu mundo.

É onde se dá a aproximação com os critérios de mediação da indústria cultural que se sabe, aprioristicamente, qual é o seu público, seu ‘gosto’, seu ‘status social’, objetivando uma criança imaginária, paradigma dos textos a serem elaborados. (KHÉDE, 1986, p.11)

Conforme Lajolo (1997, p.108), a prática da leitura torna-se mais prazerosa quando ocorre num espaço de maior liberdade, isto é, quando se respeita, ao menos em momentos iniciais do aprendizado, o prazer ou a aversão do leitor em relação ao livro lido. Ela sugere que não se obrigue toda a classe à leitura de um mesmo livro, por ser apropriado para sua faixa etária, porque os interesses e habilidades de leitura são muito relativos. “A literatura pode suscitar prazer porque tem seu fim em si mesma, isto é, funciona como um jogo em torno da linguagem, das idéias e das formas, sem estar subordinada a um objetivo prático imediato.” (AGUIAR, 1988, p.26).

Segundo Coelho (1991, p.263), a literatura atual oferece às crianças histórias atraentes, vivas e bem-humoradas que buscam divertir-lhes e estimular-lhes à consciência crítica. Essa mudança permite ao novo narrador um tom bem-humorado, um certo espírito lúdico que o aproxima do comportamento livre de crianças e jovens.

Se a arte é a maneira como expressamos alguma coisa, dizer que uma obra se dirige a uma criança ou a um jovem não é excluí-la da leitura dos demais potenciais consumidores daquele texto literário, mas é, simplesmente, facilitar a orientação e indicação de textos capazes de despertar e manter, entre nossos jovens, o hábito, o gosto e a vontade da leitura, em textos adaptáveis a seu interesse a nível de compreensão, evitando que se caia na armadilha dos chamados clássicos, tal como tem ocorrido entre nós, e que, só por milagre, permite que alguns, depois do 2º grau, ainda gostem de ler e da literatura. Este é o desafio, e esta deve ser, permanentemente, a nossa preocupação. A leitura é um prazer, jamais uma obrigação. (HOHLFELDT, 1986, p.93)

Além de servir como relaxamento e diversão, a educação literária deve empregar a leitura como um instrumento de aprendizado e crítica, uma vez que “[...] o processo mental não consiste apenas na compreensão das idéias percebidas, mas, também, na sua interpretação e avaliação.” (BAMBERGER, 1987, p.24).

O ato de ler se transforma em um ato de aprendizagem, uma vez que o livro infantil é entendido como uma comunicação entre um autor-adulto, o que possui a experiência do real, e um leitor-criança que deve adquirir tal experiência. A literatura não pode apenas visar o entretenimento. Ela deve resultar de um ato criador.

Acreditamos que a Literatura (para crianças ou para adultos) precisa urgentemente ser descoberta, *muito menos como um mero entretenimento* (pois deste se encarregam com mais facilidade os meios de comunicação de massa), e muito mais como uma *aventura espiritual* que engaje o *eu* em uma experiência rica de Vida, Inteligência e Emoções. (COELHO, 1991, p.27) (grifo no original).

A literatura sintetiza, por meio de recursos da ficção, uma realidade, que tem relação com o que o leitor vive cotidianamente. Ela continua a sobreviver porque se comunica com o seu destinatário atual, porque fala do seu mundo, ajudando-o a conhecê-lo melhor. Ela tem como objetivo estabelecer uma comunicação entre o leitor e o mundo. É nessa coincidência entre o mundo representado no texto e o

contexto que se constrói o processo de compreensão e a formação do leitor crítico. (ZILBERMAN, 1982, p. 22).

A justificativa que legitima o uso do livro na escola nasce, pois, de um lado, da relação que estabelece com seu leitor, convertendo-o num ser crítico perante sua circunstância; e, de outro, do papel transformador que pode exercer dentro do ensino, trazendo-o para a realidade do estudante e não submetendo este último a um ambiente rarefeito do qual foi suprimida toda a referência concreta. (ZILBERMAN, 1982, p.25)

A literatura é sempre dinâmica e, portanto, de natureza formativa porque visa traduzir a realidade do universo afetivo da criança. É no convívio com a literatura que a criança passa a alargar seus horizontes, abrindo espaço para a abstração. Ao assumir uma função formadora e não mais pedagógica, a literatura passa a ter valor artístico e estético, rompendo com uma literatura tradicional que vinculava ao seu papel a transmissão de valores burgueses. A literatura então passa a proporcionar ao seu leitor autoconhecimento e percepção da realidade, valorizando as potencialidades de cada leitor. (ZILBERMAN, 1982, p.25).

A literatura infantil oferece um campo de trabalho válido, ao reproduzir, nas obras transmitidas às crianças, as particularidades da criação artística, que visa a uma interpretação da existência que conduza o ser humano a uma compreensão mais ampla e eficaz de seu universo, qualquer que seja sua idade ou situação intelectual, emotiva e social. (ZILBERMAN, 1982, p.37)

A literatura, em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir, nesta sociedade em transformação: “a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/ livro; seja no ‘diálogo’ leitor/ texto, estimulado pela escola”. Ao livro é atribuída a maior responsabilidade na formação de consciência de mundo das crianças e jovens. “Nenhuma outra *forma de ler o mundo dos homens*” é tão eficaz e rica quanto a que a Literatura permite.

Na verdade desde as origens, a Literatura aparece ligada a essa função essencial: *atuar sobre as mentes*, onde se decidem as vantagens ou ações; e sobre os espíritos, onde se expandem as emoções, paixões, desejos, sentimentos de toda ordem... No encontro com a Literatura (ou com a Arte em geral) os homens têm a oportunidade de ampliar, *transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida*, em um grau de intensidade não igualada por nenhuma outra atividade. (COELHO, 1991, p.25).

As mudanças do processo social, cultural e político estão atuando sobre a criação literária, alterando a matéria literária e transformando a função do produto literário. A literatura contemporânea visa, além do prazer/emoção estéticos, alertar ou transformar a consciência crítica do seu leitor/receptor.

1.3. Escola – Base Para a Formação do Indivíduo

A escola era facultativa e até dispensável até o século XVIII, mas foi convocada a colaborar com a ideologia burguesa. Aos poucos, a escolarização converteu-se numa atividade obrigatória e, mais tarde, freqüente e de destino natural. Como a família, a escola tornou-se mediadora entre a criança e a sociedade. A escola incorporou ainda outros papéis, tornando-se necessária na sociedade.

Ela passa a ser obrigatória para crianças de todos os segmentos da sociedade, e não apenas para as da burguesia. Ajuda, assim, a enxugar do mercado um contingente respeitável de operários mirins, ocupantes nas fábricas, dos lugares dos adultos, isto é, dos desempregados que, na situação de prováveis subversivos ou criminosos, agitavam a ordem social sob o controle dos grupos no poder. (ZILBERMAN e LAJOLO, 1984, p.18).

Além disso, a escola também objetivava habilitar a criança para o consumo de obras impressas, promovendo e estimulando sua circulação de produtos da hoje chamada indústria cultural. Ao abdicar dos laços com a pedagogia que marcaram seu nascimento, a literatura passou a assegurar sua autonomia artística, não mais conferindo a escola o cumprimento das missões.

A escola é, hoje, “um espaço privilegiado, onde devem ser lançadas as bases para a formação do indivíduo”. É nesse espaço que se proporciona o encontro entre o leitor e o livro.

Essa nova valorização do espaço-escola não quer dizer, porém, que o entendemos como o sistema rígido, reprodutor, disciplinador e imobilista que caracterizou a escola tradicional, em sua fase de deterioração. Longe disso hoje, esse espaço deve ser, ao mesmo tempo libertário (sem ser anárquico) e orientador (sem ser dogmático), para permitir ao ser em

formação chegar ao seu autoconhecimento e a ter acesso ao mundo da cultura, que caracteriza a Sociedade a que ele pertence. (COELHO, 1998, p.16) (grifo no original).

Em relação às atividades com a literatura e a expressão verbal, a escola deve proporcionar estudos programados e atividades livres, exigindo do educando assimilação de informações e conhecimentos, mas também estimulando e liberando as potencialidades especiais de cada um. Para tanto, a autora registra alguns princípios orientadores para um projeto de ensino na escola. Ela ressalta a responsabilidade da escola e, acima de tudo, do professor, de estimular a formação e o processo de auto-realização vital / cultural do indivíduo.

O professor precisa estar 'sintonizado' com as transformações do momento presente e reorganizar seu próprio conhecimento e consciência-de-mundo, orientado em três direções principais: - da literatura (como leitor atento); - da realidade social que o cerca (como cidadão consciente da 'geléia total' dominante e de suas possíveis causas); e - da docência (como profissional competente). (COELHO, 1998, p.17).

A escola se transformou no principal órgão responsável pela formação e desenvolvimento de leitores, já que o acesso ao código verbal escrito se dá, principalmente, pela escola. Contudo, mostra-nos que é uma infantilidade atribuir exclusivamente à escola a culpa pela não-formação de leitores porque a crise da leitura é efeito de um problema social maior.

A maturidade do nosso leitor somente será atingida quando a injustiça, a discriminação, a exploração do trabalho, etc. forem completamente banidas da sociedade brasileira. Em outras palavras, o processo de amadurecimento dos leitores vai ocorrer quando os indivíduos começarem a questionar a alienação imposta e a 'ler' mais criticamente a nossa realidade social. (SILVA, 1986, p.69).

A escola tem um papel fundamental na formação da infância porque

"[...] visa ao desenvolvimento integral do indivíduo para que ele se torne um ser atuante no grupo social em que vive. [...] O ensino da leitura está historicamente vinculado à escola. Cabe à escola a formação e o desenvolvimento do hábito da leitura, e seu papel é tão mais amplo quanto mais restrito for o da família, condicionada a problemas econômicos." (CATTANI e AGUIAR, 1988, p.24).

É fundamental que as crianças tenham contato com o livro desde cedo, sintam as texturas, acostumem-se a manuseá-lo, mesmo sem ler. É dessa forma que as crianças se apropriam das várias possibilidades do livro e acabam fascinadas por ele. Mas quando a família não proporciona este contato desde cedo, a escola acaba se sentindo responsável em conquistar estes novos leitores, facilitando este acesso que, muitas vezes, não acontece em casa.

A restrição do acesso à Literatura pode acontecer porque os pais não tem condições de comprar, não têm o hábito de ler para os filhos ou também não sabem ler. Portanto, dentro desta realidade, é para a escola e, principalmente para o professor, que se convergem as maiores expectativas porque é ele quem deve promover a leitura entre os alunos e incentivar-lhes o gosto, visando a desenvolver o hábito da leitura, de modo a multiplicar a experiência literária.

É ele quem vai indicar os livros aos alunos, oferecendo-lhes um repertório de títulos em que possam se movimentar, segundo suas preferências e interesses. “O primeiro passo para a formação do hábito de leitura é a oferta de livros próximos à realidade do leitor, que levantem questões significativas para ele.” (AGUIAR e BORDINI, 1988, p.18).

Conforme Aguiar e Bordini (1988, p.16), a formação escolar do leitor se faz quando a escola efetua o vínculo entre a cultura do grupo e a obra lida, para que o aluno se reconheça na obra e na realidade representada.

Para tornar os alunos bons leitores, para desenvolver o gosto e o compromisso com a leitura, a escola terá de mobilizá-los internamente, pois esse é um aprendizado que requer esforço. Precisarão fazê-los achar que ler é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará a eles autonomia e independência e terá de oferecer condições favoráveis para as práticas de leitura – que não se restringem apenas aos recursos materiais disponíveis, pois, na verdade, todas as evidências têm revelado que o uso que se faz dos livros e demais materiais escritos é o aspecto mais determinante para a formação de leitores de fato. (PRADO e CONDINI, 1999, p.84).

O hábito da leitura é importante porque oportuniza momentos prazerosos em grupo, enriquece o imaginário, além de familiarizar a criança com a leitura. A criança que escuta histórias ou lê desde pequena valoriza o livro como fonte de conhecimento e entretenimento, além de criar uma familiaridade com o mundo da

escrita. Porém, se a família não cria este vínculo entre a criança e o livro, cabe a escola oportunizar estes momentos de conhecimento e percepção de mundo.

2. A LEITURA E AS MÍDIAS

2.1. Revalorização do livro diante das novas mídias

Um conjunto de mudanças vem alterando a vida da nossa sociedade, principalmente nos últimos anos, em virtude da globalização. Essas mudanças são sociais, culturais e tecnológicas. Ocorreram, principalmente, em função da evolução dos meios de comunicação e informação. O acesso às redes virtuais de comunicação se expandiu e está, gradativamente, influenciando a nossa vida, desde os hábitos cotidianos até a nossa forma de nos relacionarmos com as pessoas e o mundo. Somos “bombardeados” todos os dias por muitas informações, através de meios de comunicação e informação. Mas a mudança mais relevante deste século é, sem dúvida nenhuma, o avanço da rede virtual Internet. Além de facilitar a busca por novas informações, essa ferramenta também possibilita o acesso a ambientes virtuais, onde podemos nos conectar instantaneamente. A comunicação virtual permite o aprendizado, a informação e a comunicação de diferentes formas e ao mesmo tempo. (MORAN, 2005)

A Internet vem possibilitando a ampliação e rapidez no acesso à informação e comunicação. E esse é para nós, educadores, atualmente, um desafio. É necessário a adaptação a essas novas tecnologias e mídias, buscando concretamente a mudança dentro de nós mesmos. Conforme Moran e Almeida (2005), para incorporar a TIC na escola, é preciso ousar, vencer desafios, articular saberes, tecer continuamente a rede, criando e desatando novos conceitos que se inter-relacionam com a integração de diferentes tecnologias, com a linguagem hipermídia, teorias educacionais, aprendizagem do aluno, prática do educador e a construção da mudança em sua prática, na escola e na sociedade.

A mudança qualitativa no processo ensino-aprendizagem é necessária e imprescindível, mas precisa ser gradativa. Percebe-se uma mudança de atitudes e práticas da maioria dos profissionais da educação, que vem buscando se aperfeiçoar e inovar a sua prática pedagógica a partir das novas tecnologias, que são determinantes no processo de transformação da sociedade atual.

O analfabeto do futuro será aquele que não souber ler e acrescento o produzir] as imagens geradas pelos meios de comunicação. E, isso não significa apenas o aprendizado do alfabeto dessa nova linguagem. É necessário compreender que esse analfabetismo está inserido e é consequência da ausência de uma razão imagética, que se constitui na essência dessa sociedade em transformação. (PRETTO, 1995, p. 99).

Segundo Silva (2005), para que haja melhoria dos processos de ensino-aprendizagem, os professores devem analisar criticamente os meios ou veículos de comunicação, a partir de objetivos e conteúdos previamente selecionados. O autor destaca que a escola brasileira enfrenta dois grandes desafios: carência de infraestrutura de recursos e de espaço físico para acomodar estes recursos. O professor, inserido nessa realidade, também é desafiado a buscar o conhecimento, o aperfeiçoamento e o domínio de competências não antes exigidas. Atualmente, a comunicação visual supera a comunicação escrita e o nosso desafio quanto educadores é preparar o aluno para dominar as competências necessárias, bem como prepará-lo para tornar-se crítico diante da vivência com os diferentes veículos e configurações de linguagens.

Hoje o mundo é trazido até o horizonte de nossa percepção, até o universo do nosso conhecimento. Como não podemos estar presentes em todos os acontecimentos, temos que confiar nos relatos. O mundo que nos é trazido pelos relatos, que assim conhecemos e a partir do qual refletimos, é um mundo que chega editado, ou seja, ele é redesenhado num trajeto que passa por centenas, às vezes milhares de mediações, até que se manifeste no rádio, na televisão, no jornal. Ou na fala do vizinho e nas conversas dos alunos. São essas mediações - instituições e pessoas- que selecionam o que vamos ouvir, ver ou ler; que fazem a montagem do mundo que conhecemos. (SILVA, 2005).

Para Silva (2005), as tecnologias midiáticas devem ser utilizadas como meios para a promoção do ser humano e nunca como fins em si mesmas. Outro aspecto

levantado pelo autor refere-se à formação de leitores e sua interação com as mídias, uma vez que o mundo virtual pode vir a desmascarar o mundo real, afastando as relações interpessoais. Nessa perspectiva, como professores, somos desafiados a formar leitores com diferentes competências. Mas, primeiramente, devemos oportunizar momentos em que o aluno desfrute do prazer da leitura de um bom livro impresso, uma vez que a comunicação escrita, provocada pelos livros, permanecerá sempre indispensável, tanto para ter contato com a Literatura, como também tornar-se um sujeito leitor e crítico. Para tanto, é necessário formar leitores ecléticos, com maturidade para conviver com as diferentes linguagens.

2.2. O Recurso Sonoro como Estimulador da Imaginação dos Leitores do 5º ano

As histórias, quando passam de boca aos ouvidos, vão deixando em nós o gosto por mais histórias. Histórias dos homens, histórias da vida, histórias do mundo... Foi assim que não perdemos a memória e, até hoje, o que entra pelo coração não se perde mais. (Francisco Gregório Filho).

A utilização do áudio na sala de aula, como elemento motivador do aprendizado é um recurso conhecido em todo o mundo e explorado de diversas formas desde a década de 1930, quando surgiu o rádio como veículo de comunicação. Porém, de acordo com Furter (1995), a evolução da educação se deu bem mais tarde, na década de 1950. A escola, portanto, teve que acompanhar o desenvolvimento dos meios de comunicação e informação, interagindo com elas. As mudanças geradas pelas tecnologias favoreceram o desenvolvimento de novas práticas pedagógicas, instigando o professor a se aperfeiçoar diante das novas formas de comunicação e informação. O uso destas tecnologias na educação implica ao professor conhecimento das potencialidades dos recursos, bem como promover a aprendizagem de competências necessárias para a utilização dos mesmos.

Conforme Moran (2005), a educação é fundamentalmente um processo de comunicação e informação, em que todos nós, alunos e professores, aprendemos o tempo todo. Educamo-nos por meio de múltiplas formas de comunicação, das interações com as pessoas que convivemos. O rádio é um dos veículos de

comunicação de maior penetração na população brasileira. Ele exerce função educativa e também pode servir como fonte de entretenimento.

O recurso sonoro pode ser usado para desenvolver uma escuta crítica e reflexiva, possibilitando um novo olhar de um poema, de uma música, de um diálogo, de um texto. Isto ocorre porque a linguagem oral possibilita diferentes formas de compreender e interpretar um mesmo texto, uma vez que uma história pode ser contada de diversas maneiras, priorizando determinados elementos, como a descrição da personagem ou do cenário. Esta técnica da oralidade permite que o mediador transfira o centro das atenções para a história.

O rádio possui características importantes e que se adequam à realidade de nossas escolas públicas, que não dispõem de livros suficientes para todos os alunos de uma turma. A sensorialidade dá vazão à imaginação, resgatando uma relação emocional entre a obra e o ouvinte. Outra característica é a proposta dinâmica e de baixo custo deste recurso considerando a quantidade de ouvintes que o rádio vem a atingir. O uso da plástica sonora estreita uma relação com a literatura, uma vez que amplia as relações entre o leitor-ouvinte com a obra ouvida.

Neste sentido, o áudio, com suas características, pode estar ao lado do livro em muitas situações, capacitando o ouvinte a tornar-se um leitor, desde que estimulado para o desenvolvimento do pensamento lógico e da imaginação, que, segundo Vigotsky (1999), andam juntos: “[...] a imaginação é um momento totalmente necessário, inseparável, do pensamento realista”. E o que se pretende com esta pesquisa é justamente analisar se a atividade com a literatura provoca um exercício de hermenêutica, uma vez que é importante dar relevância ao processo de compreensão, pois é esta que complementa a recepção e a formação do leitor crítico. Busca-se estudar se o recurso sonoro utilizado para descrever a obra “O Pequeno Príncipe” desperta a imaginação e estimula o leitor de 5º ano a se interessar em ler o livro impresso, considerando a classe social e a percepção dos alunos diante da realidade. O problema que se pretende responder é “o recurso sonoro pode potencializar a estimulação da leitura dos leitores infanto-juvenis?”

2.3. O Áudio-Livro - A Tecnologia que Ajuda a Ensinar

“A educação é fundamentalmente um processo de comunicação e informação.” (MORAN, 2005). As tecnologias de informação têm proporcionado modificações históricas na sociedade, provocando alterações no modo de vida da sociedade, através da expansão dos meios de comunicação e informação. O acesso às tecnologias vêm modificando a maneira como as pessoas estão se informando e se comunicando. Muitos estudiosos, inclusive, vêm se preocupando com a possibilidade da extinção da literatura impressa, uma vez que as novas mídias estão proporcionando maior acessibilidade, compartilhamento e agilidade na busca de informações, dentre outros fatores. Neste contexto em que o livro e a leitura estão perdendo espaço na sociedade, os educadores vêm se preocupando em estimular e resgatar novos leitores, proporcionando o contato com recursos mais atrativos e que venham ao encontro da realidade de nossas escolas.

Conforme Menezes (2008), o áudio-livro é um recurso informacional criado pelas tecnologias, podendo ser utilizado como estímulo para todas as idades, desde os bebês que ainda não aprenderam a falar, pois são muitos os benefícios que o contato com os livros é capaz de proporcionar. A partir desta prática, a criança passa a criar o hábito de escutar histórias, valorizando o livro como fonte de conhecimento e entretenimento.

Áudio-livro é um livro em áudio, lido por voluntários ou profissionais contratados para tal finalidade, que interpretam narrações e utilizam sonorizações, através de suportes analógicos ou digitais. O áudio-livro é conhecido nacional e internacionalmente, contribuindo principalmente no resgate e na formação de leitores com deficiências visuais. No Brasil, surgiu na década de 1970, principalmente para esta finalidade; nos Estados Unidos surgiu em meados de 1980 e na Alemanha surgiu na década de 1990, conquistando um grande número de admiradores da literatura, podendo ser apresentados em bares ou festivais, lembrando as rádio-novelas.

O áudio-livro, como recurso, já está sendo utilizado há algum tempo em diferentes países com finalidades diferentes, mas no Brasil, primeiramente, surgiu com o intuito de alcançar pessoas com deficiências visuais. Porém, a sua utilização passou a ser uma tendência tecnológica e informacional que vem crescendo e contribuindo na formação educacional, contribuindo na formação de novos leitores e

resgatando a literatura dentro do crescente advento da tecnologia, ou começando uma nova trajetória como leitor, ou ampliando ainda mais os conhecimentos sobre os livros.

3. CARACTERÍSTICAS INTELECTUAIS E INTERESSES DO LEITOR

3.1. O Interesse do Leitor

A aprendizagem da leitura é uma atividade contínua e crescente. Por isso, é necessário que se formem hábitos permanentes de leitura e que haja uma relação de interesse entre o leitor e o texto. “[...] o indivíduo busca, no ato de ler, a satisfação de uma necessidade de caráter informativo ou recreativo.” (AGUIAR, 1979, p.11).

Para que o leitor se interesse pelo livro, deve-se oferecer a ele obras que venham ao encontro de suas necessidades e/ou expectativas. Para Aguiar (1979, p.12), a motivação em relação ao texto é condicionada a uma série de fatores, pois cada leitor é um indivíduo diferenciado, com atitudes e experiências emocionais particulares. Entre esses fatores estão o sexo, o nível sócio-econômico, a idade e a escolaridade dos leitores.

Bamberger (1987, p.33), pesquisador austríaco, relaciona o desenvolvimento psicológico da criança com seus interesses pela leitura e caracteriza diferentes fases da leitura infantil. A primeira fase (de 2 a 5 ou 6 anos) caracteriza-se pela mentalidade mágica presente nos livros de gravuras e de versos infantis. Já que a criança estabelece pouca diferença entre o mundo externo e interno, a literatura ajuda a criança a distinguir o “eu” e o mundo através de livros de gravuras de objetos do seu meio. Nessa fase, a criança se interessa por cenas individuais e não propriamente pela ação de uma história.

A segunda fase (de 5 a 8 ou 9 anos) caracteriza-se pela preferência pelo realismo mágico presente nos contos de fadas, lendas, mitos, fábulas, que favorecem a magia, imaginação e fantasia da criança.

A terceira fase (de 9 a 12 anos) caracteriza-se ainda pelo interesse pela leitura do maravilhoso, mas a criança já começa a se orientar no mundo concreto. Ela quer desvendar o meio, aprendendo com os livros, através de histórias que possibilitam a visualização dos acontecimentos.

A quarta fase (de 12 a 14 anos) é a da pré-adolescência, em que a criança começa a definir sua própria personalidade. Ela se interessa por histórias de aventuras, enredos sensacionalistas, personagens diabólicas ou histórias sentimentais.

A quinta fase (de 14 a 17 anos) é caracterizada pela maturidade do leitor que descobre o mundo interior e os valores. O leitor passa a gostar de histórias de amor, aventura, romances históricos e biográficos, isto é, de uma literatura mais intelectual, (BAMBERGER, 1987, p.35).

Segundo Aguiar (1979, p.12), o sexo da criança também é determinante na escolha de temas literários. São condicionamentos influenciados pela cultura e pela sociedade. Os meninos usualmente se interessam por histórias de viagens, aventuras, enquanto as meninas se interessam por histórias de amor, de sentimentos ou ligadas à família.

Conforme Aguiar (1979, p.14), outro fator relevante que influencia na atitude de crianças e jovens em relação à leitura é o nível sócio-econômico. Pesquisas foram realizadas e verificou-se que a renda *per capita* das famílias dos alunos influía no número de livros lidos pelos mesmos e que muitos deles são afastados do livro porque não são estimulados no seu ambiente doméstico. Na escola por sua vez são oferecidos textos que não atendem aos seus interesses, mas aos das classes dominantes.

De acordo com Aguiar e Bordini (1988, p.20), a escolaridade do aluno determina o interesse pela leitura, variando a qualidade. Pode-se, portanto, distinguir cinco níveis de leitura:

O primeiro nível, o da **pré-leitura**, correspondente ao período em que a criança freqüenta a pré-escola. Nesta fase ela desenvolve aptidão para a aprendizagem da leitura. “Os interesses voltam-se, nesta fase, para histórias curtas e rimas, em livros com muitas gravuras e pouco texto escrito, que permitem

a descoberta do sentido muito mais através da linguagem visual que da verbal.” (AGUIAR e BORDINI, 1988, p.20).

O segundo nível, o da **leitura compreensiva**, corresponde ao período da alfabetização que compreende a primeira e segunda séries. A criança começa a vencer as dificuldades do código escrito e a ler sílabas e palavras. “A motivação para ler é muito grande, e a escolha recai sobre textos semelhantes aos da etapa anterior, agora decodificado pelo novo leitor.” (AGUIAR e BORDINI, 1988, p.20).

O terceiro nível, o da **leitura interpretativa**, corresponde ao período que compreende da terceira a quinta série. É aquele em que a criança adquire fluência na leitura e consegue, além de compreender, interpretar as idéias do texto. “A aquisição de conceitos de espaço, tempo e causa, bem como o desenvolvimento das capacidades de classificar, ordenar e enumerar dados permitem que o estudante se adentre mais nos textos e exija leituras mais complexas.” (AGUIAR e BORDINI, 1988, p.20).

O quarto nível, o da **iniciação à leitura crítica**, corresponde ao período que compreende da sexta a sétima série. Nessa fase o estudante atinge o estágio de desenvolvimento cognitivo que Piaget define como o das operações intelectuais abstratas. Caracteriza-se pela formação da personalidade e pela inserção no mundo adulto.

O quinto nível, o da **leitura crítica**, corresponde ao período que abrange a oitava série e o segundo grau. Nessa fase o adolescente forma juízos de valor e questiona-se sobre o papel a desempenhar no mundo adulto. Passa a ter uma postura crítica diante dos textos, a comparar idéias e adotar posicionamentos. “Livros que abordem problemas sociais e psicológicos interessam ao aluno deste nível, possibilitando-lhe a reflexão e opção por comportamentos que descobre como mais justos e mais autênticos.” (AGUIAR e BORDINI, 1988, p.21).

Segundo uma pesquisa realizada pelo Centro de Pesquisas Literárias da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS – em 1983, que abrangeu 330 alunos foi observado que, no primeiro grau, em geral, os alunos dão preferência à música como forma de lazer. “Da primeira a sétima série os alunos demonstram gostar mais de histórias em quadrinhos do que de literatura sendo apenas citada na oitava série.” (AGUIAR e BORDINI, 1988, p.22).

A partir do trabalho realizado, os dados foram analisados no ano de 2010, e os interesses foram organizados por série do ensino fundamental de oito anos. Como o presente trabalho visa realizar uma investigação com leitores de quinto ano do ensino fundamental de nove anos, consideram-se apenas os dados dessa série - quarta - atual quinto ano, relevantes.

3.2. A Teoria Sócio-Histórico-Cultural de Vygotsky e o Desenvolvimento Psicológico da Criança

A carreira do professor e pesquisador Vygotsky é marcada pela produção de uma variedade de trabalhos no campo da psicologia, demonstrando grande preocupação com o desenvolvimento do ser humano e, em todas as suas pesquisas, buscou explicar os processos de aprendizagem, o desenvolvimento e a sua relação com aspectos sociais. De acordo com a teoria sócio-histórico-cultural de Vygotsky, a origem das mudanças que ocorrem ao ser humano, ao longo do seu desenvolvimento, está vinculada às interações que ocorrem entre sujeito e sociedade, cultura e história de vida, além das oportunidades e situações de aprendizagem que promovem este desenvolvimento. A sua teoria se baseia no princípio de que o desenvolvimento do indivíduo se dá como resultado de um processo sócio-histórico e cultural, enfatizando o papel da linguagem e da aprendizagem nesse desenvolvimento à medida que este indivíduo interage com seu meio.

Almeida (2000), abordando a questão da relação homem-mundo, afirma:

A teoria de Vygotsky tem como perspectiva o homem como um sujeito total enquanto mente e corpo, organismo biológico e social, integrado em um processo histórico. A partir de pressupostos da epistemologia genética, sua concepção de desenvolvimento é concebida em função das interações sociais e respectivas relações com processos mentais superiores, que envolvem mecanismo de mediação. As relações homem-mundo não ocorrem diretamente, são mediados por instrumentos ou signos fornecidos pela cultura.

Vygotsky demonstrou, em seus estudos, grande preocupação em compreender e desenvolver o processo de desenvolvimento do ser humano e a

influência dos fatores externos do meio e da interação deste indivíduo com os outros indivíduos deste meio. Ao formular a sua teoria, Vygotsky abordou conceitos que são essenciais e necessários à compreensão do processo de desenvolvimento. Os conceitos abordados são: mediação simbólica, signos, sistemas de símbolos, zona de desenvolvimento proximal, desenvolvimento e aprendizado.

Segundo Oliveira (1997), a linguagem constitui o principal mediador da aprendizagem e do desenvolvimento. É através dela que o ser humano se constrói enquanto ser sócio-histórico, modificando os seus processos psíquicos. Vygotsky considera a linguagem um instrumento essencial ao processo de desenvolvimento, uma vez que age na estrutura do pensamento. Tanto a linguagem quanto a atividade humana se desenvolvem nas relações sociais. A linguagem permite a evocação de objetos ausentes, análise, abstração e generalização de características de objetos, eventos e situações, e possibilita o intercâmbio social entre os seres humanos. Para o autor, pensamento e linguagem compõem uma unidade, representada pelo significado da palavra. Portanto:

[...] é a qualidade das interações culturais disponíveis no meio que irá determinar a forma de pensar ao longo do desenvolvimento do ser humano. A linguagem, a palavra e o significado não são únicos, nem universais, sendo o produto das interações sociais em cada momento histórico. (OLIVEIRA, 1997).

A sala de aula é composta por alunos em diferentes níveis de desenvolvimento, tanto real quanto potencial, devendo, em situações de interações significativas, possibilitar que cada um seja agente de aprendizagem do outro. Se, em um momento, o aluno aprende, em outro, ele ensina, pois o desenvolvimento não é linear; é dinâmico e sofre modificações qualitativas. O professor é o principal mediador, devendo estar atento, de modo a que todos se apropriem do conhecimento e, conseqüentemente, alcancem as funções superiores da consciência, pois é a aprendizagem que vai determinar o desenvolvimento. O papel do professor mediador é, no ambiente escolar, o de atuar na zona de desenvolvimento proximal dos alunos com o objetivo de desenvolver as funções psicológicas superiores. Esta atuação se concretiza através de intervenções

intencionais que explicitarão os sistemas conceituais e permitirão aos alunos a aquisição de conhecimentos sistematizados. (FONTANA, 1996).

A função do professor segundo a teoria de Vygotsky é justamente ser o mediador entre a linguagem, o aluno e o mundo, propiciando condições para que o grupo se sinta instigado a investigar, refletir e debater sobre determinados conceitos e a formular novas idéias sobre estes.

4. RECEPÇÃO DA OBRA “O PEQUENO PRÍNCIPE”: O CASO DA TURMA 5º ANO 3 DA E. M. E. F. JOÃO CARLOS VON HOHENDORFF

4.1. Caracterização da Escola/Contextualização

4.1.1. Histórico da Escola

A Escola foi construída numa área, situada na Rua Antônio José Pereira Filho, esquina com a Rua Eugênio Berger, Parque Itapema, Bairro Scharlau, São Leopoldo. Esta área de terra foi doada pela família do Professor João Carlos Von Hohendorff. Em prova de gratidão, conservou-se o mesmo nome da escola. A partir de então, muitas crianças foram matriculadas, usufruindo até hoje de uma escola próxima de suas moradias.

O primeiro prédio foi inaugurado no dia 07 de novembro de 1982, como anexo da Escola Municipal Professor José Grimberg. No dia 25 de agosto de 1983, foi autorizado o funcionamento da Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Professor João Carlos Von Hohendorff.

No dia 23 de outubro de 1984, na já emancipada escola, foi inaugurado o segundo prédio, passando a funcionar oito salas de aula em nossa escola. Em 1990, foram construídas mais duas salas de aula e em nossa escola, passou a funcionar dezesseis turmas. Em 1999, foi desmanchado o prédio construído em 1984 e construído um novo prédio: de dois pisos, com três salas de aula e um auditório. Em 2002, foi desmanchado o primeiro prédio, e foram construídas mais nove salas de aulas, dois banheiros femininos, dois banheiros masculinos, sala de secretaria, sala da supervisão, sala da direção, sala dos professores, biblioteca, refeitório, cozinha e despensa. Este novo prédio foi inaugurado no ano de 2004.

Neste ano foram matriculados 705 alunos nos três turnos. A escola tem 49 professores e 18 funcionários. A escola atende crianças e adolescentes com as seguintes características: de origem sócio-econômica de baixa renda; oriundos de famílias com defasagem cultural e emocional; alguns auxiliam na sobrevivência de sua família; alguns buscam na escola o alimento, chegando muitas vezes com fome; alguns relatam problemas familiares de pais separados, alcoólatras, desempregados, ou seja, de famílias desestruturadas. Mas, têm famílias, dentro desta realidade, que demonstram interesse em participar e contribuir com a vida escolar de seu filho, demonstrando preocupação.

4.1.2. Filosofia da Escola

Promover a participação consciente do educando na sociedade, aceitando-o e valorizando-o em sua individualidade, aproveitando seu potencial novo e criador para sua formação integral.

4.1.3. Objetivos Gerais da Escola

- Orientar o aluno na construção do conhecimento, sendo agente participativo e transformador, onde a ousadia de pensar é a base do saber e onde as pessoas se sentem valorizadas;
- Formar o cidadão, estimulando-o a exercitar sua condição de cidadania, desenvolvendo expectativas e projetos em relação ao conjunto da sociedade;
- Resgatar, estimular e respeitar a identidade cultural do aluno;
- Oportunizar em seus espaços a observação e a discussão a respeito da realidade compreendendo e assumindo o tempo presente, com seus problemas e necessidades, projetando expectativas para o futuro;
- Favorecer a participação dos educandos em relações sociais diversificadas e cada vez mais amplas;

- Facilitar a integração dos alunos, possibilitando o exercício de diferentes papéis nos diversos espaços escolares;
- Oportunizar o desenvolvimento do indivíduo de forma que tenha condições de interagir no contexto escolar e social de maneira crítica e responsável;
- Promover a capacidade de aprender sempre.

Diante da realidade dessa escola, que recebe alunos de nível sócio-econômico baixo e com pouco incentivo familiar, fica difícil e às vezes impossível cobrar mais empenho nas atividades propostas. Tal situação é agravada pelo fato de a escola não dispor de vários exemplares de uma mesma obra. No caso do Pequeno Príncipe, a biblioteca dispõe de quatro exemplares, impossibilitando a leitura de um mesmo livro ao mesmo tempo na mesma turma. A Biblioteca Municipal fica no Centro e alguns alunos não têm condições de se dirigir até lá ou não dispõem de recursos para comprar um livro. Em vista disto, as leituras de livros literários são proporcionadas dentro da sala de aula pelo professor ou quando vão à biblioteca uma vez por semana retirar o livro do seu interesse ou de acordo com as orientações do professor.

4.2. Caracterização da Turma

A pesquisa sobre a aceitação do áudio-livro “O Pequeno Príncipe” foi realizada junto à turma. Foi decidido analisar a recepção de leitura dos alunos deste quinto ano, porque esta turma é muito especial e tem perfil diferenciado, pois eu os conheci no ano anterior e temos grandes laços de amizade e respeito, o que facilitou a coleta de dados para a realização da pesquisa de campo.

A turma a participar da pesquisa foi escolhida entre outras da escola por estar preparada para este desafio, uma vez que as duas regentes sempre incentivaram a leitura, porque são formadas em Letras e pensam que a leitura e a literatura devem predominar no processo de ensino-aprendizagem, principalmente nas séries iniciais. A turma é composta por 25 alunos e nenhum está repetindo o ano. As idades variam entre 9 e 12 anos, sendo 15 do sexo feminino e 10 do sexo

masculino. As condições socioeconômicas variam, uma vez que alguns ajudam na renda familiar, vendendo e catando materiais recicláveis. Estes, na maioria, não têm a participação da família, ou porque não tem tempo ou porque não conseguem auxiliá-los, pela falta de escolaridade. Outros, no entanto, têm uma família bastante participativa e com condições socioeconômicas favoráveis para complementar o trabalho realizado na escola de estímulo à leitura. Estas famílias são atuantes e na maioria preocupadas com a aprendizagem dos seus filhos.

Todos são pontuais e assíduos e apresentam atitudes de respeito mútuo em grande parte do tempo de aula. Demonstram interesse em realizar todas as atividades propostas. É uma turma carismática e muito envolvente. A nossa sala de aula é um ambiente muito prazeroso. A turma tem duas alunas com algumas dificuldades (inclusão), mas que a cada dia demonstram interesse em sanar as dificuldades e avançar no seu processo. Uma delas, inclusive, frequenta o NAPPI (Núcleo de Apoio e Pesquisa ao Processo de Inclusão).

Numa conversa informal com a turma, perguntei sobre a formação deles como leitores e o incentivo recebido pela família. Dos vinte e cinco alunos, doze deles, os pais contavam histórias na infância. Destes, oito responderam que os pais foram os grandes incentivadores e quatro responderam que só a mãe que lia histórias para eles. Perguntei se ainda algum familiar lê para eles e todos disseram que ninguém mais lê para eles, porque já cresceram e têm capacidade de ler sozinhos. Questionei a frequência da leitura do grupo. Apenas três alunos lêem todos os dias diferentes tipos de textos e cinco lêem livros literários. Questionei também se a família tem o hábito de ler e doze responderam que os pais são leitores assíduos.

De acordo com Bamberger (1987), os alunos de 9 a 12 anos desta turma enquadram-se na terceira fase de leitura, que caracteriza-se ainda pelo interesse pela leitura do maravilhoso, mas a criança já começa a se orientar no mundo concreto. Ela quer desvendar o meio, aprendendo com os livros, através de histórias que possibilitam a visualização dos acontecimentos.

Conforme Aguiar (1979, p.14), outro fator relevante que influencia na atitude de crianças e jovens em relação à leitura é o nível sócio-econômico. Pesquisas foram realizadas e verificou-se que a renda *per capita* das famílias dos alunos influia

no número de livros lidos pelos mesmos e que muitos deles são afastados do livro porque não são estimulados no seu ambiente doméstico. Na escola por sua vez são oferecidos textos que não atendem aos seus interesses, mas aos das classes dominantes.

De acordo com Aguiar e Bordini (1988, p.20), a escolaridade do aluno determina o interesse pela leitura, variando a qualidade. A turma enquadra-se no terceiro nível, o da **leitura interpretativa**, correspondente ao período que compreende da terceira a quinta série. É aquele em que a criança adquire fluência na leitura e consegue, além de compreender, interpretar as idéias do texto. “A aquisição de conceitos de espaço, tempo e causa, bem como o desenvolvimento das capacidades de classificar, ordenar e enumerar dados permitem que o estudante se adentre mais nos textos e exija leituras mais complexas.” (AGUIAR e BORDINI, 1988, p.20).

A partir da leitura em sala de aula e análise posterior do texto apropriado, será possível fazer uma avaliação quanto aos interesses e à recepção dos alunos em relação à obra em estudo.

4.3. A Recepção da Obra em Sala de Aula

4.3.1. O Projeto de Leitura

A turma em estudo vem participando de um Projeto de Leitura com a professora regente desde o ano passado, porque a professora os acompanhou desde o quarto ano. O Projeto resgata o gosto pela leitura, visando desenvolver o hábito, de modo a multiplicar a experiência literária.

Foi montada uma Sacola Literária, oferecendo-lhes um repertório de títulos que podem escolher, segundo suas preferências e interesses. A Sacola é levada todos os dias para casa e os alunos, juntamente com a família, podem fazer as leituras de diferentes textos como revistas, jornais, gibis, livros didáticos, livros literários de poesia e prosa... Após a leitura, fazem um relatório das obras e tipos de

textos lidos. Ao chegar na escola, no dia posterior, relatam a experiência realizada em casa. Além desta prática, também trabalhou-se nesta turma com um Projeto de Literatura que envolveu a leitura e apreciação de fábulas, contos de fadas, contos maravilhosos e obras clássicas como Alice no País das Maravilhas e A Odisseia.

A partir deste projeto, surgiu a ideia de trabalhar com uma mídia que viesse contribuir com este projeto em andamento, porque percebeu-se uma maturidade do grupo em apreciar uma obra clássica ainda não conhecida por nenhum integrante deste grupo, composto por vinte e cinco alunos. Através de uma conversa informal, descobriu-se que, além de não conhecerem a obra, também não tinham conhecimento das características do *Pequeno Príncipe*. Então, resolveu-se montar um projeto de pesquisa de caso para analisar a recepção deste grupo em relação ao áudio-livro da obra em destaque. Realiza-se uma investigação empírica que analisa as diferentes reações de leitores de quinto ano diante do texto considerado adequado a sua faixa etária e ao estágio de desenvolvimento do leitor, considerando a classe social e a percepção dos alunos diante da realidade. Verifica-se a resistência e/ou aceitação dessa obra a fim de investigar se os critérios literários e o áudio-livro despertam interesse e se vêm ao encontro da realidade da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor João Carlos Von Hohendorff, situada no Parque Itapema, Bairro Scharlau – São Leopoldo, onde leciono há cinco anos.

4.3.2. A Recepção da Obra

O áudio-livro “O Pequeno Príncipe” contém vinte e sete faixas, respectivas ao número de capítulos do livro original. A versão em áudio, juntamente com o livro, faz parte do acervo do programa nacional Biblioteca da Escola – PNBE/2010, composto por várias obras literárias. Estas foram encaminhadas à escola com o objetivo de garantir aos alunos, professores e demais profissionais da escola, o acesso à cultura, à informação, estimulando a leitura. Esta nova impressão de “O Pequeno Príncipe” está totalmente em conformidade com a edição original americana, a única feita com o autor ainda vivo, em 1943.

O livro é destinado ao público infantil e adulto. Já fora adotado em vários países, traduzido em oitenta línguas diferentes. Esta história comove diferentes

públicos porque trata de um assunto da atualidade, devolvendo a cada leitor o mistério, as lembranças da infância e os questionamentos da criança, em relação aos valores do mundo adulto. O narrador da versão em áudio-livro é Thiago Fragoso, ator de novela, cinema e teatro.

Essa obra de Saint Exupéry foi escolhida para ser ouvida pela turma porque trata-se de um clássico que eles desconheciam e isto facilitaria o estudo de campo e a conclusão da pesquisa. De acordo com o pesquisador Bamberger (1987), a fase do grupo em estudo “caracteriza-se ainda pelo interesse pela leitura do maravilhoso, mas a criança já começa a se orientar no mundo concreto. Ela quer desvendar o meio, aprendendo com os livros, através de histórias que possibilitam a visualização dos acontecimentos.” Como eles já tiveram várias fontes de leitura e diferentes conhecimentos relacionados à clássicos da literatura brasileira e universal, eles estariam maduros para conhecer esta obra tão reveladora dos pensamentos e angústias de uma criança em relação ao mundo adulto.

A obra em áudio foi apresentada aos alunos primeiramente com as declarações de uma leitora que ama livros e admira a complexidade deste texto. Durante algumas semanas, foi-se instigando a curiosidade do grupo, perguntando se eles conheciam a obra, se já haviam visualizado uma versão na biblioteca. Como o grupo despertou interesse em conhecer este clássico, partiu-se para a efetivação da proposta de escuta da obra em áudio e que a produção de pesquisa e materiais surgiram a partir dos interesses do grupo.

Para não se tornar cansativo, a obra foi apresentada de forma fragmentada, conforme o interesse e concentração do grupo. A cada semana, eles ouviam quatro ou cinco capítulos. À medida que conheciam a história, surgiam diferentes curiosidades, tanto deles em relação à obra: vocabulário, personagens, lugares desconhecidos, quanto minha em relação ao que a obra estava despertando no mundo imaginário deles.

A minha primeira curiosidade surgiu a partir do primeiro relato do narrador, que, quando criança, fizera um desenho de uma jibóia que engolira um elefante e o mesmo não fora compreendido pelos adultos. Nesse momento, começam as primeiras reflexões da criança sobre a maneira como o adulto tratava de assuntos relacionados à infância. Fez-se um questionamento se eles conseguiriam

representar o desenho da criança a partir da caracterização do narrador. Dos vinte e cinco alunos, apenas três representaram conforme os adultos interpretavam, como um chapéu. Os demais alunos desenharam a jibóia com o elefante dentro. A partir da escuta destes capítulos surgiu o interesse de pesquisar curiosidades sobre a jibóia e o Deserto do Saara. A proposta partiu deles e então na aula posterior alguns alunos trouxeram o material pesquisado com características e ilustrações, conforme figuras 1 e 2.

NOME: THAIS SCOLARI PEREIRA DATA: 3/8/2010 PROFª VALQUÍRIA

SOBRE O DESERTO DO SAARA:



O Saara é o maior deserto do mundo. Localiza-se na região norte da África. Seu território estende-se pelos seguintes países: Egito, Marrocos, Argélia, Líbia, Tunísia, Mauritânia, Mali, Sudão e Chade. Faz fronteira ao norte com o Mar Mediterrâneo, ao sul com o rio Níger, a leste com o mar Vermelho e oeste com o Oceano Atlântico.

Conhecendo o Saara

Ao contrário do que muitos pensam, o Saara situa-se, quase totalmente, numa região de planalto (em média 300 metros de altitude) com presença de cadeias montanhosas. Podemos encontrar algumas regiões com rochas, porém grande parte do Saara é composta por areia. As dunas do deserto são formadas pelas perigosas tempestades de areia. Existem também os oásis, pequenas áreas com presença de água e vegetação.

As chuvas são extremamente raras e as temperaturas podem chegar a 50° C durante o dia e -5° C à noite. Com estas condições climáticas e geográficas é praticamente impossível viver no Saara. Poucos povos, entre eles os tuaregues e os beduínos, habitam esta região. Os beduínos costumam atravessar constantemente o Saara, acompanhados de seus camelos, para praticarem o comércio ambulante.

Curiosidades:

- A deserto da Saara possui pouco mais de 9 milhões de quilômetros quadrados.
 - A palavra Saara deriva da palavra tenere que na língua tuaregue significa deserto.
 - O principal rio que atravessa o deserto do Saara é o rio Nilo.

SOBRE A JIBÓIA:

NOME COMUM: Jibóia
NOME EM INGLÊS: Redtail Boa
NOME CIENTÍFICO: *Boa constrictor*
FILO: Chordata
CLASSE: Reptília
ORDEM: Squamata
FAMÍLIA: Boidae
COMPRIMENTO: 4,5 m
VELOCIDADE: cerca de 500 m/h
PERÍODO MÁXIMO DE VIDA: 23 anos
CARACTERÍSTICAS: Vivípara. Vestígios de membros posteriores
COR: confunde-se com o ambiente..

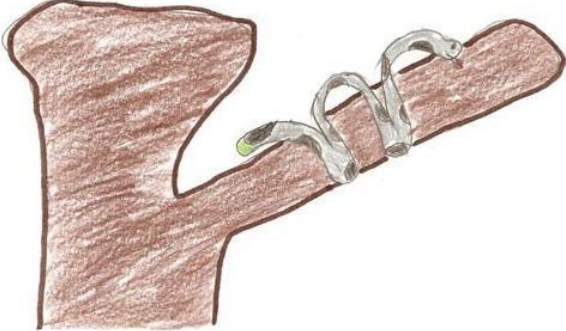
Há muitas histórias de Jibóias enormes, com 10 ou até 15 m de comprimento, que estrangulam pessoas enroscando-se em seus corpos. Outras falam de jibóias que engolem vítimas três vezes maiores que elas mesmas ou que põem em fulga uma caravana inteira de exploradores. São apenas histórias. Na realidade, a jibóia é de índole pacífica, não é venenosa e nunca ataca o homem. Ao contrário, foge à sua aproximação.

Raramente passa de 3 metros de comprimento. Toma como presa principalmente aves, mamíferos pequenos e lagartos grandes. A jibóia apanha as suas vítimas ficando à espreita ou surpreendendo-as silenciosamente. Enrosca-se em torno delas e contrai o corpo até que a vítima não consiga respirar e morra sufocada. Engole a vítima tragando a cabeça primeiro e a digere devagar, caindo num torpor que dura às vezes diversas semanas. Despende pouca energia e pode ficar muito tempo sem comer.

Essa serpente grande vive nas florestas densas da América do Sul. Passa a maior parte do tempo nas árvores. Quando ameaçada, foge - mas muito lentamente. Pode também tentar assustar o inimigo silvando alto.


Figura 1: Pesquisa sobre o Deserto do Saara e jibóias.

E.M.E.F PROF JOÃO CARLOS VON HÖBENLORFF
 PROFª VALQUIRIA
 DATA: 08/08/2010



Geografia

O deserto do Saara, no qual se distinguem dois trechos, um dominado por dunas arenosas e denominado Erg, e outro bastante pedregoso denominado Hamadas, compreende parte dos seguintes países e territórios: Argélia, Burkina Faso, Chade, Egípto, Líbia, Marrocos, Saara Ocidental, Mauritânia, Mali, Níger, Senegal, Sudão, e Tunísia. Atualmente vivem cerca de 2,5 milhões de pessoas na área do Saara.



Pedras naturais na Líbia.


A área do deserto também inclui parte das bacias do Rio Nilo e do Rio Senegal, as montanhas Aír, Hoggar, Atlas e o Vulcão Tibesti, pequenos desertos como o Deserto da Líbia, Ténéré, Depressão do Qatar e Erg Chebbi, o lago Chade, e os oásis Bahariya, Ghardaïa e Timimoun.

[2] As fronteiras do Saara são o Oceano Atlântico a oeste, a cordilheira do Atlas e o Mar Mediterrâneo a norte, o Mar Vermelho a leste e o vale do Rio Níger a sul. O Saara divide o continente africano em duas partes, a África do Norte e Sub-Saariana. A fronteira saariana ao sul é marcada por uma faixa semi-árida de savana chamada Sahel, e ao sul de Sahel encontra-se o Sudão.

Os limites do Saara podem também ser definidos por critérios botânicos, definidos por Frank White, que correspondem a zonas climáticas (por exemplo, definidas por Robert Capot-Rey). O limite norte coincide com a região em que se cultiva a tamareira (nos oásis) e com o limite sul do esparto, uma poácea típica do clima mediterrânico; este limite corresponde igualmente à isoietal (linha de igual precipitação anual) dos 100 mm. A sul, o Saara limita com o Sahel, uma cintura de savana seca com um verão chuvoso, que se estende através de toda a África. Aí o limite é definido pela *Cornulaca monacantha*, uma quenopodiácea tolerante à seca, ou pelo limite norte do *Cenchrus biflorus*, uma grama característica do Sahel, o que corresponde à isoeta de 150 mm. Este valor é a média de muitos anos, uma vez que a precipitação varia muito de um ano a outro.^{[4][5][6]}

JIBÓIA

NOME COMUM: Jibóia
 NOME EM INGLÊS: Redtail Boa
 NOME CIENTIFICO: *Boa constrictor*
 FILÓ: Chordata
 CLASSE: Reptília
 ORDEM: Squamata
 FAMÍLIA: Boidae
 COMPRIMENTO: 4,5 m
 VELOCIDADE: cerca de 500 m/h
 PERÍODO MÁXIMO DE VIDA: 23 anos
 CARACTERÍSTICAS: Vivípara.
 Vestígios de membros posteriores
 COR: confunde-se com o ambiente.



Há muitas histórias de Jibóias enormes, com 10 ou até 15 m de comprimento, que estrangulam pessoas enroscando-se em seus corpos. Outras falam de jibóias que engolem vítimas três vezes maiores que elas mesmas ou que põem em fuga uma caravana inteira de exploradores. São apenas histórias. Na realidade, a jibóia é de índole pacífica, não é venenosa e nunca ataca o homem. Ao contrário, foge à sua aproximação. Raramente passa de 3 metros de comprimento. Toma como presa principalmente aves, mamíferos pequenos e lagartos grandes. A jibóia apanha as suas vítimas ficando à espreita e surpreendendo-as silenciosamente. Enroscando-se em torno delas e contrai o corpo até que a vítima não consiga respirar e morra sufocada. Engole a vítima tragando a cabeça primeiro e a digere devagar, caindo num torpor que dura às vezes diversas semanas. Despende pouca energia e pode ficar muito tempo sem comer.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Deserto_do_Saara 8/8/2010

Figura 2: Pesquisa sobre o Deserto do Saara e jibóias.

A segunda curiosidade da professora foi em relação às características físicas do personagem principal, que, por sua vez, não fora revelada nos quatro primeiros capítulos. Vinte e dois alunos imaginaram ele criança e três imaginaram ele bem pequeno, menor que um metro de altura. Dezenove alunos imaginaram o Pequeno Príncipe moreno; cinco caracterizaram-no loiro e apenas um descreveu-o ruivo. Eles fizeram a ilustração da personagem, conforme sua imaginação que aparecem nas figuras 3, 4, 5 e 6 abaixo.

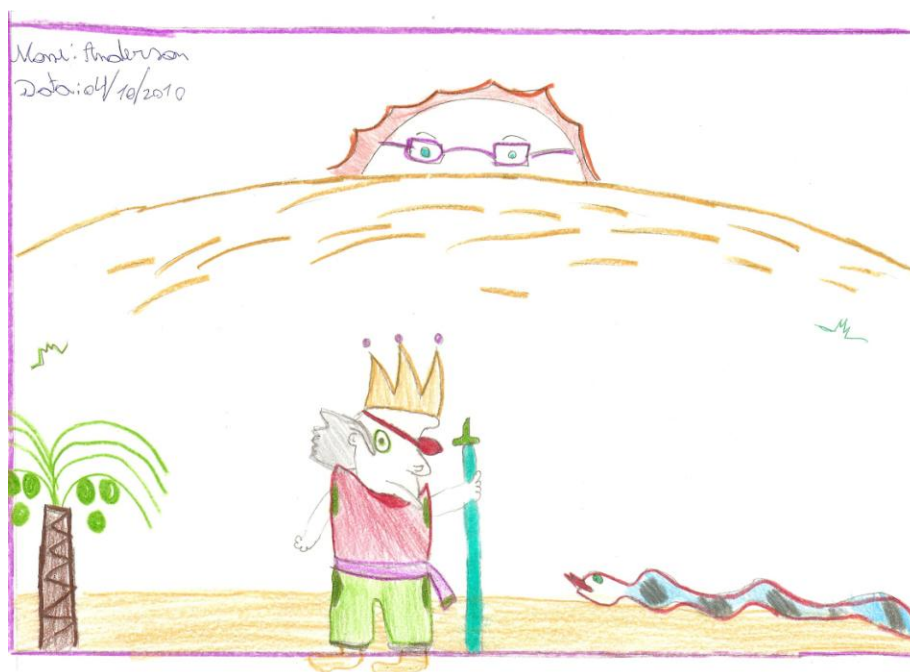


Figura 3: Representação do pequeno príncipe.



Figura 4: Ilustração do pequeno príncipe.



Figura 5: Ilustração do pequeno príncipe.

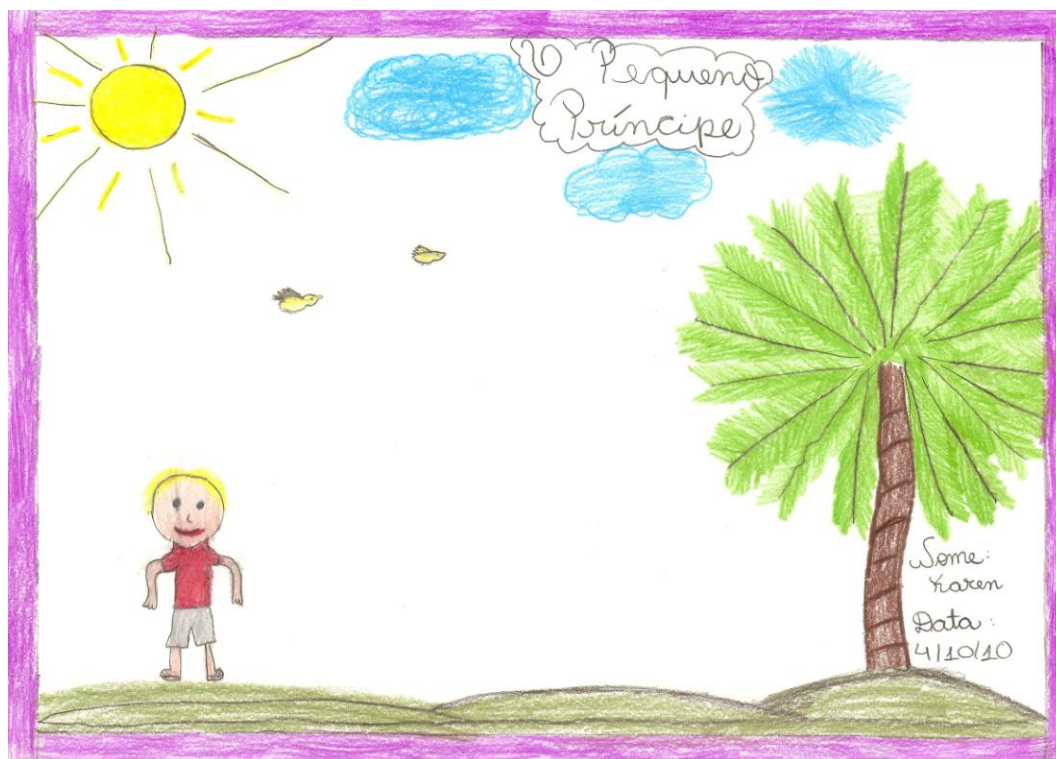


Figura 6: O pequeno príncipe.

Nos capítulos cinco ao nove, a personagem descreve os planetas por onde passara. Surgiu o interesse do grupo em pesquisar sobre asteróides, planetas, vulcões, geografia e geógrafo, asteróide B 612 (planeta do Pequeno Príncipe), flor de quatro espinhos e baobás. Em conversa na sala de aula, foi explicado que alguns itens por eles listados eram reais e outros ficcionais e que eles aprenderiam a distinguir o que existe de fato e o que foi inventado pelo escritor. Foi marcado um horário no EVAM (Espaço Virtual de Aprendizagem e Multimídia) para eles efetuarem a pesquisa em grupo a partir do interesse comum. Após o término da pesquisa, foram apontados todos os aspectos relevantes perante o grupo: vocabulário novo, a aprendizagem do real e da ficção, justificando a escolha do assunto escolhido. O registro aparece na figura 7.

ESCOLA: M.E.F. João Carlos Von Hohendorff
 NOME: João Scolari Pereira
 TURMA: 5^oA3
 DATA: 16/8/2010

PESQUISA NO EVAM SOBRE ASSUNTOS
 DO LIVRO: "O PEQUENO PRÍNCIPE"
 ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY

Registro:

ASTERÓIDE: Pequeno planeta que tem forma ou aparência de estrela.

PLANETA: Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Netuno, Plutão.

VULCÕES: Vulcão corresponde a uma estrutura geológica que surge a partir da emissão de magma, gases e partículas quentes do interior da Terra para a sua superfície terrestre.

GEOGRAFIA: estudo e descrição da Terra (clima, montanhas, desertos, rios...)

ASTERÓIDE B612: Planeta onde o Pequeno Príncipe vive.

ESTRELAS: Astros que tem luz própria.

BAOBÁ: Árvore sagrada.

Figura 7: Registro de uma aluna sobre a pesquisa realizada no EVAM.

Do capítulo dez ao dezessete, a personagem principal sai do seu planeta de origem para explorar outros planetas. Nesta viagem exploratória, conhece sete planetas diferentes, com pessoas diferentes e faz julgamentos sobre a maneira de viver e as atitudes humanas. Estes capítulos foram mais difíceis de serem compreendidos, uma vez que são mais complexos e revelam a complexidade do ser humano e revelam indagações de uma criança que faz julgamentos de juízo do mundo adulto. Em alguns momentos, foi necessário parar a narração, voltar novamente a descrições para que o grupo entendesse as colocações da personagem. Como ele havia explorado planetas com características e personagens adversas, sugeriu-se que eles representassem um planeta que fora mais marcante para eles e que posteriormente justificassem sua escolha. As justificativas seguem citadas abaixo das figuras 8, 9, 10, 11 e 12.



Figura 8: Ilustração do planeta do pequeno príncipe.

“Eu escolhi esse planeta do Pequeno Príncipe porque eu achei que foi o mais interessante e que tinha mais coisas legais.”

NOME: Paola DATA: 17/08/2020 TURMA: 5A3



Figura 9: Ilustração do planeta do geógrafo.

“Eu escolhi o planeta do geógrafo porque ele é o único planeta grande e também o único que a personagem mora lá e a única que não pensa em si mesma.”



Figura 10: Representação do planeta do acendedor de lampiões.

“Eu gostei do planeta do acendedor de lampiões porque ele não pensa só nele. Ele pensa em outras coisas e nas pessoas”.



Figura 11: Ilustração do planeta do pequeno príncipe.

“Escolhi esse planeta porque eu achei interessante e também porque tem a flor com quatro espinhos.”



Figura 12: Ilustração do planeta do rei.

“Eu achei este planeta daqui melhor porque eu já sabia mais ou menos como eu ia fazer o desenho.”

No capítulo vinte e um, o narrador relata que o Pequeno Príncipe encontraria uma personagem que mudaria a sua trajetória pelo Planeta Terra. Fez-se uma investigação na turma a respeito de quem poderia ser este personagem, então eles sugeriram, primeiramente personagens reais como cachorro, camelo, coelho, gato, ovelha, sapo, jacaré, criança, professora, índio e mulher. Foi apontado por um aluno se era possível jacarés e sapos sobreviverem num deserto. Então, alguns apontaram que isso não era possível e outros disseram que se tratava de uma obra de ficção, onde tudo é possível. Antes de dar continuidade a escuta deste capítulo, buscou-se despertar ainda mais a curiosidade do grupo, revelando que até então ninguém havia acertado. Então, sugeriram outras personagens: outra flor, uma árvore falante, um dinossauro, um gigante, uma pedra, um espelho. Percebeu-se, portanto, que eles buscaram personagens de outras histórias fantásticas e liberaram sua imaginação, abrindo os horizontes para novas possibilidades.

Entre os capítulos vinte e um e vinte e dois, acontece o encontro tão esperado entre o príncipe e a raposa. O personagem principal relata a vontade de fazer amigos e a raposa ensina-o como se deve agir quando se quer conquistar um

verdadeiro amigo, cativando-o. Fez-se uma reflexão sobre este laço que “faz bem ao coração, mas é invisível aos olhos”. (SAINT-EXUPÉRY, 2006).

Os alunos fizeram alguns apontamentos sobre a amizade e sobre a ingenuidade do príncipe em logo querer manter um laço, que é construído aos poucos, e ,também, ficaram intrigados com o fato de ser uma raposa a personagem que cativaria o coração do Pequeno Príncipe. Falou-se sobre a caracterização da raposa nas fábulas e o juízo de valor que os escritores fazem ao descrevê-la. Surgiu a idéia de pesquisarem características reais da raposa e a caracterização desta dentro de outras histórias infantis. Segue abaixo a pesquisa de uma aluna a respeito da raposa e suas características na figura 13.



RAPOSA

O nome científico da raposa é *Vulpes vulpes*. Este mamífero ao contrário da maioria dos animais é odiado por fazendeiros, adorado por caçadores esportivos e condenado por escritores nas histórias de conto de fadas (todos fazem um enorme juízo de valor quando vão descrever a raposa).

Entretanto ela também tem seus dias de glória. Sendo largamente usada como mascote, nome de grupos em geral, nome de operações militares como "A raposa do deserto", personagens de Anime* (Kurama - YuYu Hakusho**) e personagens de Vídeo-Game. O principal é a nossa conhecida Miles "Tails" Prower que estreou em Sonic The Hedgehog 2 (confira mais detalhes aqui na Power Sonic), que é o melhor amigo do Sonic!

Um fato interessante deste personagem dos jogos do Sonic é que a raposa alimenta-se de ouriços e no jogo eles são amigos! Veja isso e outros fatos, nas características do animal, descritas abaixo.

A raposa é o carnívoro selvagem com maior distribuição e abundância do mundo. Tem um focinho esguio rematado duas orelhas longas e pontiagudas, e uma cauda espessa e vistosa com cerca de em média 50 cm de comprimento ("igualzinho" ao Tails).

A pelagem é castanho-avermelhado e as patas estão dotadas de garras não retráteis (ou seja, que não recolhem). O corpo e a cabeça apresentam um comprimento que pode variar entre 60 a 90 cm. Seu peso constitui de 5 a 10 kg. As fêmeas são perceptivelmente menores que os machos.

A raposa é um animal com uma atividade essencialmente crepuscular e uma dieta quase que exclusivamente carnívora. Dela fazem parte pequenos mamíferos (coelhos, lebres, ouriços), aves, peixes, insetos, e ocasionalmente frutos silvestres e cultivados. Quando estão sem comida, também consomem restos deixados pelos humanos em lixeiras, estradas etc.

Consome cerca de 500 gr de alimento por dia. O que não come no próprio dia, esconde para consumo posterior. Chega a ter 20 esconderijos de comida, conseguindo facilmente decorar todos eles. Em zonas rurais, as vezes assalta os galinheiros, tendo o hábito de matar em excesso, o que lhe ocasiona como dito acima uma má fama.

A raposa vive em grupos, formado por um macho adulto e várias fêmeas (temos que avisar o Tails!). A época de acasalamento costuma ocorrer entre Janeiro e Fevereiro, e os nascimentos são na primavera, tendo a gestação composta de 4 a 5 crias.

Utiliza tocas escavadas e protegidas pela vegetação, construídas por ela própria, ou aproveitando as de texugos ou coelhos. Vive um máximo de 9 anos, mas em média não passa dos 5 por causa de atropelamentos, caçada predatória, doenças causadas por comer alimentos de humanos etc.

Figura 13: Pesquisa sobre as características da raposa real e ficcional.

Dos capítulos vinte e dois a vinte e sete, continua a trajetória da personagem pelo deserto e a necessidade de encontrar água para sobreviver. Ele sempre faz comentários que instigam a ambigüidade como em: "A água pode também ser boa para o coração [...]" (p. 75) ou "Aquela água era muito mais que um alimento. Nascera da caminhada sob as estrelas, do canto da roldana, do esforço do meu braço. Era boa para o coração, como um presente [...]" (p. 79).

O personagem faz, ao longo destes capítulos, apontamentos sobre o ser humano, que despertam reflexões nos ouvintes. Por exemplo: “Os homens embarcam nos trens, mas já não sabem o que procuram. Então eles se agitam, sem saber para onde ir...” (p. 78).

Ele faz revelações sobre os seres humanos e questiona alguns posicionamentos:

Os homens do teu planeta – disse o pequeno príncipe – cultivam cinco mil rosas num mesmo jardim... e não encontram o que procuram...” (p. 79); ou em “ As pessoas vêem as estrelas de maneiras diferentes. Para aqueles que viajam, as estrelas são guias. Para outros, elas não passam de pequenas luzes. Para os sábios, elas são problemas. Para o empresário, eram ouro. Mas todas essas estrelas se calam. Tu, porém, terás estrelas como ninguém nunca as teve [...] (p. 85).

O Pequeno Príncipe é revelado ao ouvinte uma criatura frágil e fiel aos amigos.

Como o príncipezinho adormecesse, tomei-o nos braços e prossegui a caminhada. Estava emocionado e tinha a impressão de carregar um frágil tesouro. Parecia-me mesmo não haver na Terra nada mais frágil. Pensava: "O que eu vejo não passa de uma casca. O mais importante é invisível [...]" (p.76).

Ao terminar de escutar a obra, fez-se um estudo da recepção da obra e se a mesma despertara a imaginação da criança receptora. Os alunos que leram e gostaram da obra justificaram a aceitação de diversas formas: pelo assunto envolvente, pela mensagem expressa no texto, pela “viagem” que o texto possibilita, pela realidade dos fatos, pela criatividade e expectativa que o texto proporciona. Perguntou-se se eles conseguiram imaginar a história, a partir da narração em áudio. Dezesseis alunos declararam conseguir se desprender do mundo real e entrar no mundo ficcional do livro. Destes, nove se sentiram incentivados a ler desde pequenos e consideram a leitura uma viagem. Somente dois alunos revelaram que gostam de ler por prazer. Dizem que foram incentivados pelos irmãos que estudam na escola e que também gostam de ler. Três estudantes da turma disseram que tem o hábito de ler todos os dias. Dos vinte e cinco alunos, cinco dizem gostar de ler livros literários. Sobre a prática de leitura dos familiares, apenas

doze alunos revelaram que os pais costumam ler até hoje e demonstram gosto pela leitura. Este fato revela que os fatores sociais, culturais e históricos influenciaram no processo de aprendizagem relacionada à prática de leitura. Portanto, pode-se afirmar, segundo as afirmações de Vygotsky (1998), que a relação do meio familiar com a leitura pode determinar a relação leitor e livro, uma vez que é ela quem proporcionaria o primeiro contato e o incentivo à prática literária.

O fato mais interessante é que, depois de concluída a escuta da obra em áudio, questionei o grupo se estes gostariam de ler a obra impressa, isto é, se o recurso sonoro utilizado para descrever a obra estimulou à leitura do texto impresso. Num primeiro momento, onze alunos demonstraram interesse em retomar a obra através do livro. Sem que eu pressionasse a procura da obra na biblioteca, numa aula posterior, os alunos expuseram que nem todos conseguiram retirar a obra na biblioteca da escola, porque tinha apenas quatro exemplares desta. Perguntei quantos alunos se interessaram em ler a obra e a resposta foi surpreendente: todos os vinte e cinco alunos pediram à bibliotecária se a obra estava disponível para retirada. Como a biblioteca só dispõe de quatro exemplares, sugeri que fizessem um rodízio, para que todos tivessem acesso ao livro.

Depois que terminamos de escutar a obra, foi lançada a proposta de divulgar a obra para as turmas das quintas séries, através da utilização de uma mídia ou recurso áudio-visual. O grande grupo foi dividido em seis subgrupos e a proposta de apresentação seria escolhida por eles mesmos, a partir da criatividade e consenso do grupo.

O grupo um resolveu representar artisticamente o planeta do pequeno príncipe com bola de isopor e materiais de sucata. O grupo dois resolveu montar um teatro, a partir do capítulo vinte e um, valorizando o encontro entre o príncipe e a raposa. Decidiram apresentar utilizando a narração do próprio áudio-livro e personagens em fantoches. O terceiro grupo criou um teatro a partir dos capítulos um e dois, quando o narrador encontra-se pela primeira vez com o príncipezinho. O quarto grupo montou uma apresentação teatral, explorando os capítulos oito e nove, revelando a exploração do príncipe nos planetas quatro, do empresário, e cinco, do acendedor de lampiões. O quinto grupo fez uma representação do amor do pequeno príncipe pela única flor do seu planeta, por quem se sentia responsável. O sexto

grupo fez um cartaz com as características do autor e os fatos reais que inspiraram a obra em estudo. O material sobre a obra, criado pela turma, com fotos, vídeos e comentários sobre o trabalho desenvolvido encontra-se postado no blog papolegal5a3blogspot.com.br. A recepção da turma em relação à proposta foi além das minhas expectativas, pois demonstraram interesse em apresentar a obra, através das idéias que o grupo acordou e a parte da obra que quiseram retomar. Buscaram a obra impressa para manuseá-la e dispor de narrações e citações que já não lembravam, para tornar o trabalho ainda mais rico e próximo à versão original.

A partir da análise das produções desenvolvidas e do desempenho dos grupos em divulgar a obra impressa, percebeu-se que os objetivos propostos foram totalmente atingidos. Primeiramente, os alunos receberam a obra de “O Pequeno Príncipe” em áudio com boa aceitação, considerando a falta de estímulo de algumas famílias em relação à leitura. Durante a escuta da história, a maioria demonstrou conseguir se desprender do mundo real e imaginar a obra através do estímulo sonoro. Posteriormente, todo o grupo em estudo buscou a obra impressa, provando que a mídia sonora potencializou a busca pelo livro, estimulando a leitura do mesmo. Finalmente, percebeu-se que, a partir do áudio-livro, eles conseguiram imaginar a obra aproximadamente à história descrita no livro e relida em material impresso.

Todas estas constatações fazem provar que os objetivos propostos nesta pesquisa de caso com uma turma de 5º ano de uma escola pública municipal foram alcançados, uma vez que a obra em áudio estimulou a imaginação dos leitores e incentivou a leitura da obra impressa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho sobre a recepção da obra “O Pequeno Príncipe” em áudio-livro nesta turma foi além das expectativas. Os alunos foram muito importantes nesta pesquisa porque demonstraram motivação desde o início da proposta, participando ativamente das atividades, questionando, pesquisando e criando. Inicialmente, pensou-se que eles pudessem demonstrar dificuldades relacionadas à compreensão da obra, mas a professora também teve uma parcela bastante significativa durante este processo, uma vez que sempre instigava a imaginação destes leitores, a partir da escuta da história. Conversava-se e discutia-se coletivamente as percepções e sensações expressas, propondo-se novas pesquisas e leituras que viessem enriquecer ainda mais o trabalho já realizado em sala de aula.

Diante desta constatação de que os alunos demonstraram interesse em escutar a obra e buscaram novos conhecimentos, revela-se que a turma foi preparada para tanto, uma vez que antes de conhecer a obra em estudo, tiveram acesso a outras obras clássicas com a professora regente, que também demonstra paixão pela literatura. Isto vem a provar o que os estudiosos da literatura Niskier (1999) e Zilberman (1986) afirmam sobre a importância de oportunizar aos pequenos leitores momentos de prazer com a literatura, sem que a mesma seja imposta. Percebi neste trabalho uma relação afetiva entre os alunos e a obra, porque tiveram oportunidade de compreender as idéias do livro, mas também interpretá-las e avaliá-las. Isto, segundo Bamberger (1987), torna a leitura um verdadeiro ato de aprendizagem, uma vez que o livro infantil é entendido como uma comunicação entre um autor-adulto, que possui a experiência do real e um leitor-criança, que deve adquirir tal experiência.

A partir do confronto dos resultados relacionados à recepção da obra, conclui-se que estes se identificaram com a obra em alguns momentos porque puderam se colocar no lugar do pequeno príncipe, questionando e criticando a maneira como os adultos vêem as crianças. Este aspecto, segundo Aguiar e Bordini (1988), é muito importante para a formação deste novo leitor, quando a escola constrói este vínculo entre o leitor e a obra, uma vez que ele se reconhece na obra e na realidade nela representada.

Estabelecendo-se um paralelo entre os interesses de leitura apresentados pelos alunos e as características referidas por Bamberger (1987), constata-se que eles se identificam com a terceira fase (de 9 a 12 anos) que caracteriza-se ainda pelo interesse pela leitura do maravilhoso, mas a criança já começa a se orientar no mundo concreto. Ela quer desvendar o meio, aprendendo com os livros, através de histórias que possibilitam a visualização dos acontecimentos. Isto ficou bem claro, durante a escuta da obra porque eles demonstraram sempre imaginar o mundo maravilhoso da obra e se identificar com a sua realidade, buscando comparar e, muitas vezes, colocando-se no lugar da personagem principal.

O recurso sonoro utilizado para apresentar a obra desenvolveu uma escuta crítica e reflexiva, possibilitando um novo olhar sobre o texto. Isto ocorreu porque a linguagem oral possibilitou diferentes formas de compreender e interpretar um mesmo texto, uma vez esta despertou a imaginação e diferentes interpretações, representadas ao longo do trabalho, através de desenhos e justificativas. A técnica da oralidade permitiu ao mediador da leitura, no caso o narrador, a transferência do centro das atenções para a história, sem que houvesse interferência visual, que pudesse determinar as interpretações dos alunos em relação aos personagens e aos cenários. Os vinte e cinco alunos não conheciam a obra e não imaginavam como era o pequeno príncipe. Este fator foi muito importante para a análise dos resultados finais.

Quanto à recepção da obra em áudio-livro, percebeu-se uma boa aceitação por parte da maioria do grupo. Analisando a maneira como foi apresentada a obra, em fragmento, percebeu-se que muitas vezes algumas partes eram esquecidas, o que pode, num primeiro momento, ter tornado a recepção um pouco cansativa. Atribui-se, também, como fator de influência, a forma como o narrador descreve a

história, pois algumas vezes não despertava o interesse do ouvinte. Algumas vezes, precisava-se retomar algumas partes, fazendo a mediação entre o ouvinte e a obra. Porém dezesseis alunos demonstraram aceitação da obra porque conseguiram se desprender do mundo real, através da expectativa que a obra em áudio despertara ao ouvinte.

Verifica-se, analisando a realidade da escola onde os alunos estudam, que a dificuldade em receber a obra por alguns pode ser atribuída ao nível sócio-econômico baixo das famílias dos pré-adolescentes e à falta de estímulo do ambiente familiar, já que alguns alunos são oriundos de famílias com defasagem cultural e emocional. Sobre a prática de leitura dos familiares, apenas doze alunos revelaram que os pais costumam ler até hoje e demonstram gosto pela leitura. Este fato revela que os fatores sociais, culturais e históricos influenciaram no processo de aprendizagem relacionada à prática de leitura. Portanto, pode-se afirmar, segundo as conclusões de Vygotsky, que a relação do meio familiar com a leitura pode determinar a relação leitor e livro, uma vez que é ela quem proporcionaria o primeiro contato e o incentivo à prática literária.

Mas, apesar disto, o resultado final foi surpreendente. Após a conclusão da escuta da obra em áudio, o grupo foi questionado sobre o interesse em ler a obra impressa, isto é, se o recurso sonoro utilizado para descrever a obra estimulou à leitura do texto impresso. Num primeiro momento, apenas onze alunos demonstraram interesse em retomar a história através do livro. Porém, finalmente, todos os vinte e cinco alunos buscaram a obra na biblioteca. Como a biblioteca só dispõe de quatro exemplares, sugeri que fizessem um rodízio, para que todos tivessem acesso ao livro. Diante do objetivo alcançado, propôs-se que eles divulgassem a obra impressa para os alunos da 5ª série. Dedicaram-se muito e os trabalhos finais ficaram excelentes, apresentando os capítulos com os quais se identificaram mais, demonstrando preocupação em impressionar os colegas com trabalhos de qualidade e próximos à versão original.

Realizou-se com esse trabalho uma investigação empírica com um determinado grupo sobre as reações diante do texto “O Pequeno Príncipe”. Não se trata de uma pesquisa que visa julgar teorias e estudos já realizados por pesquisadores literários. Objetivou-se investigar se a obra em áudio despertaria o

interesse em ler e divulgar a obra impressa, relacionando-se aos fatores sociais, econômicos, históricos e culturais destes alunos.

Diante dos resultados obtidos nessa pesquisa, sugere-se que se façam novos estudos sobre os interesses de leitura dos alunos e que se proponham novas sugestões que satisfaçam esses mesmos interesses. As sugestões apresentadas precisam ser adaptadas, enriquecidas e, de repente, até modificadas, a cada situação particular, para que o relacionamento do leitor com o livro se faça por meio de uma relação de afeto e de identificação. Oferecendo ao aluno alternativas literariamente selecionadas, com recursos inovadores e que despertem o seu interesse, o professor estará atingindo os objetivos educacionais relacionados à leitura e à literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Vera Teixeira de, BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 1987.

CATTANI, Maria Izabel, AGUIAR, Vera Teixeira de. Leitura no primeiro grau: a proposta dos currículos. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). **Leitura em crise na escola**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil: história, teoria, análise: das origens ao Brasil de hoje**. São Paulo: Quíron/INL, 1998.

_____. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**. São Paulo: Ática, 1991.

FONTANA, R. A. C. **Mediação Pedagógica na Sala de Aula**. Campinas, Autores Associados, 1996.

FURTER, Pierre. **Comunicação e Educação: repensando os paradigmas**. XIX Congresso Brasileiro de Tecnologia Comunicacional. Rio de Janeiro: UCBC, 1995.

HOHLFELDT, Antonio. Literatura para o jovem de hoje. In: KHÉDE, Sônia Salomão (Org.). **Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

KHÉDE, Sônia Salomão (Org.). **Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1997.

MENEZES, C. Nelijane; FRANKLIN, Sérgio. **Audiolivro: Uma importante contribuição tecnológica para deficientes visuais**. Salvador: 2008.

MORAN, José Manoel; ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini. **Integração das Tecnologias na Educação**. Salto para o Futuro, Brasília: SEED-MEC, 2005.

NISKIER, Arnaldo. Um país se faz com homens e livros. In: PRADO, Jason, CONDINI, Paulo (Orgs.). **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky: Aprendizado e Desenvolvimento, um Processo Sóciohistórico**. (2a. ed.). São Paulo: Scipione, 1995.

PRADO, Iara Glória Areias. Para formar leitores na escola. In: PRADO, Jason, CONDINI, Paulo (Orgs.). **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999.

PRADO, Jason, CONDINI, Paulo (Orgs.). **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999. PRETTO, N. *Uma escola sem/ com futuro*. Papyrus, São Paulo, 1995.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SANDRONI, Laura. **De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas**. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Abaixo as infantilidades no encaminhamento da leitura. In: KHÉDE, Sônia Salomão (Org.). **Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. In MORAN, José Manoel; Almeida, Maria Elizabeth Bianconcini. **Integração das Tecnologias na Educação**. Salto para o Futuro, Brasília: SEED-MEC, 2005.

VIGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **O Desenvolvimento Psicológico na Infância**. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

_____. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 1982.

_____. (Org.). *Leitura em crise na escola*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

_____, LAJOLO, Marisa. **Literatura infantil brasileira – história e histórias**. São Paulo: Ática, 1984.

_____. O lugar do leitor na produção e recepção da literatura infantil. In: KHÉDE, Sônia Salomão (Org.). **Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação

Curso de Especialização em Mídias na Educação – Pós-graduação *Lato Sensu*

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

A pesquisadora Valquíria Rambo Knak, aluno (a) regular do curso de **Especialização em Mídias na Educação** – Pós-Graduação *lato sensu* promovido pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS, sob orientação do (a) Professor (a) Cristiani de Oliveira Dias, realizará a investigação “A Recepção do Áudio-Livro O Pequeno Príncipe”, junto a turma do 5º Ano 3 da E. M. E. F. Professor João Carlos Von Hohendorff no período de setembro a dezembro. O objetivo desta pesquisa é realizar uma investigação empírica/ de caso que analise as diferentes reações de leitores de 5º ano em relação à obra “O Pequeno Príncipe”, à sua faixa etária e ao estágio de Operações Formais, considerando a classe social e a percepção dos alunos diante da realidade. O problema que se pretende responder é “O RECURSO SONORO PODE POTENCIALIZAR A ESTIMULAÇÃO DA LEITURA DOS LEITORES INFANTO-JUVENIS?”

Os participantes desta pesquisa serão convidados a tomar parte da realização de entrevistas, questionários e atividades relacionadas à obra trabalhada.

Os dados desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético. Não serão mencionados nomes de participantes e/ou instituições em nenhuma apresentação oral ou trabalho acadêmico que venha a ser publicado. É de responsabilidade do (a) pesquisador (a) a confidencialidade dos dados.

A participação não oferece risco ou prejuízo ao participante. Se, a qualquer momento, o (a) participante resolver encerrar sua participação na pesquisa, terá toda a liberdade de fazê-lo, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo ou constrangimento.

O (A) pesquisador (a) compromete-se a esclarecer qualquer dúvida ou questionamento que eventualmente os participantes venham a ter no momento da pesquisa ou posteriormente através do telefone (51) 30361976 ou por e-mail - valknak@hotmail.com.

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas:

EU _____, inscrito sob o no. de R.G.

Concordo em participar esta pesquisa.

 Assinatura do (a) participante

 Assinatura do (a) pesquisador (a)

Porto Alegre, ____ de _____ de 2010.

ANEXO B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação
Curso de Especialização em Mídias na Educação – Pós-graduação lato
sensu

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM

Eu _____, portador da Cédula de Identidade R.G.nº _____, CPF nº _____, residente na Rua _____, nº _____, _____(município) – RS, autorizo a utilização de minha imagem do meu filho/ minha filha _____ do 5º Ano 3 na pesquisa que realizará a investigação “A Recepção do Áudio-Livro *O Pequeno Príncipe*”, na E. M. E. F. Professor João Carlos Von Hohendorff no período de setembro a dezembro. A pesquisa será realizada pela estudante Valquíria Rambo Knak do curso de Especialização em Mídias na Educação – Pós-graduação lato sensu pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, ____ de _____ de 2010.

Assinatura